

# ILUSTRAÇÃO



BERTRAND

2.º ANO — NUMERO 46

PREÇO 4\$00

Lisboa, 16 de Novembro de 1927

A REVISTA PORTUGUESA DE  
MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Ollak - Maertens

**Veramon**  
*Schering*



***acalma as dores***

de dentes, de cabeça e o mal estar proprio da mulher, sem que se apresente desagradavel sensação de cansaço ou de calor, ou palpitações cardiacas, tomando 1 a 1½ comprimido de Veramon com intervalos de 2 a 3 horas. Decida-se a fazer uma despesa insignificante e tirara d'isso um resultado valioso. Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr.

60316322

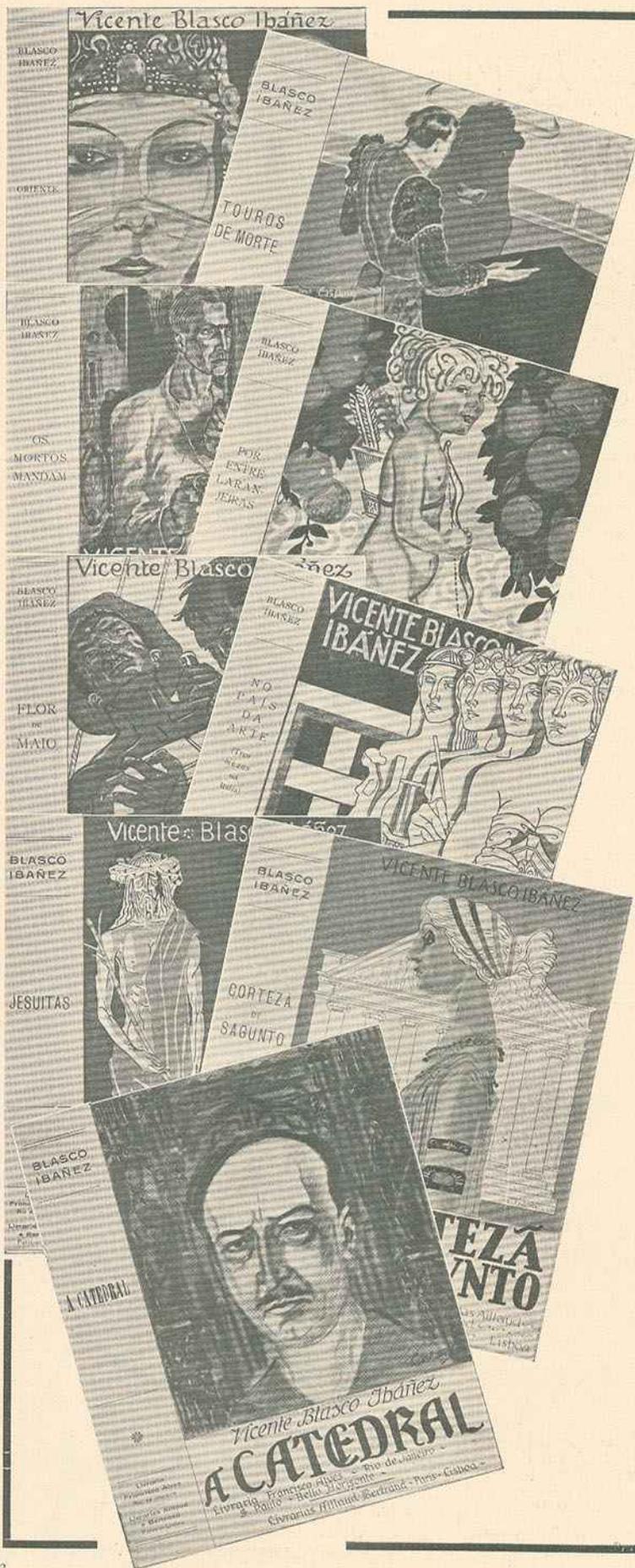
A MELHOR  
SOCIEDADE DE  
TODO O MUNDO,  
ATÉ A CHINA  
PREFERE O

CHÁ  
HORNIMAN



REPRESENTANTES:

No NORTE - Amadeu Ribeiro da Cunha - Rua Fernandes Thomaz, 379 - PORTO  
No SUL - Carlos de Sá Pereira L<sup>da</sup> - Rua Arco do Bandeira, 115 - LISBOA



ACABAM DE PUBLICAR-SE

NOVAS EDIÇÕES

# VICENTE BLASCO IBAÑEZ

NO PAÍS DA ARTE, (*TRÊS MESES NA ITALIA*)

Tradução de Ferreira Martins, (4.<sup>a</sup> edição).

O ORIENTE

Tradução de Ferreira Martins, (3.<sup>a</sup> edição).

OS MORTOS MANDAM

(*Novela*) Tradução de Napoleão Toscano, (2.<sup>a</sup> edição).

FLOR DE MAIO

Tradução de Joaquim dos Anjos e Mario Salgueiro, (2.<sup>a</sup> edição).

POR ENTRE LARANJEIRAS

Tradução de Moraes Rosa, (2.<sup>a</sup> edição).

A CATEDRAL

Tradução de Vasco Valdez, (4.<sup>a</sup> edição).

JESUITAS (*EL INTRUSO*)

Tradução de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, (3.<sup>a</sup> edição).

A CORTEZÃ DE SAGUNTO

Tradução de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, (3.<sup>a</sup> edição).

TOUROS DE MORTE (*SANGRE Y ARENA*)

Tradução livre de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa (2.<sup>a</sup> edição).

CADA VOLUME EM BROCHURA

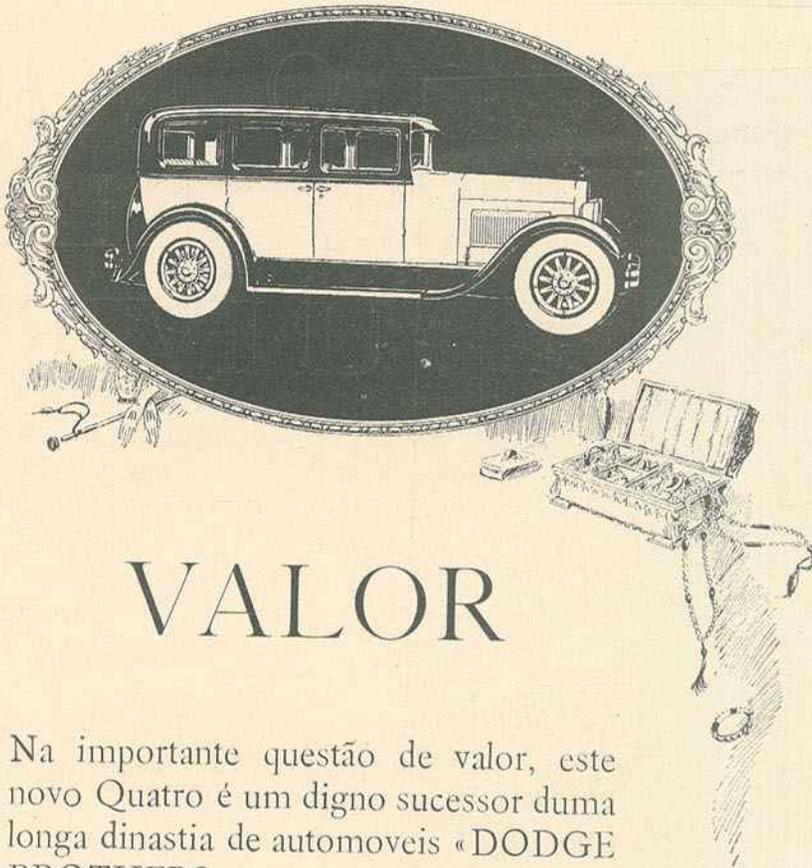
10\$00 Esc.

*À venda em todas as livrarias*

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS  
AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



## VALOR

Na importante questão de valor, este novo Quatro é um digno sucessor duma longa dinastia de automoveis «DODGE BROTHERS».

É capaz de suportar um serviço mais arduo do que outros automoveis porque é construido de melhores e mais resistentes materiais.

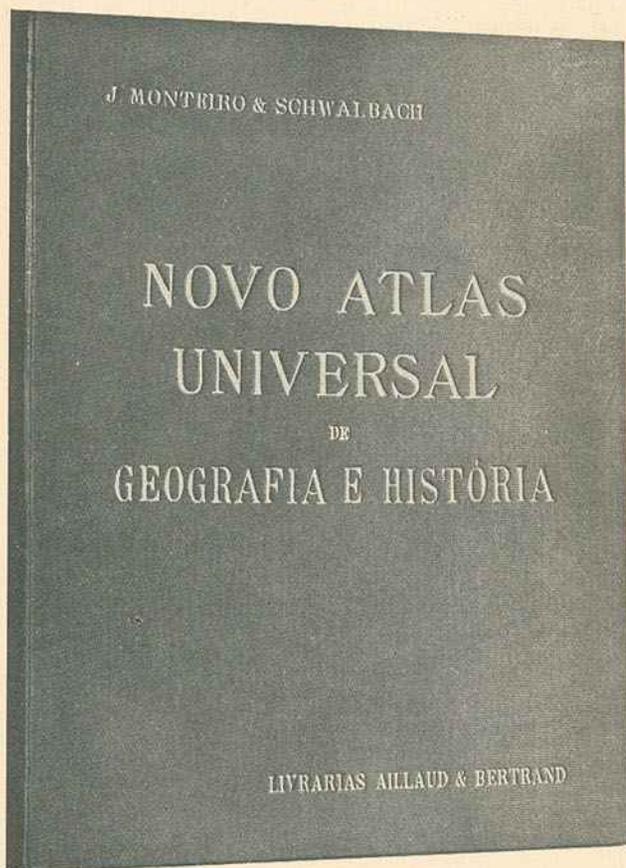
Apesar da sua grande velocidade—100 quilometros à hora—e da sua aceleração—de 0 a 40 quilometros em menos de 7 segundos—é excepcionalmente economico: 9  $\frac{1}{2}$  litros aos 100 quilometros em prise e a 40 quilometros à hora.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA—PORTO—LOANDA

**AUTOMOVEIS  
DODGE BROTHERS**



O NOVO  
ATLAS  
UNIVERSAL  
DE  
GEOGRAFIA  
E HISTÓRIA

POR  
J. MONTEIRO E L. SCHWALBACH

131 MAPAS

O mais completo e barato de todos os Atlas nacionais e estrangeiros, indispensavel a todos que se dedicam a assuntos geograficos e historicos, possuindo incontestavel valor:

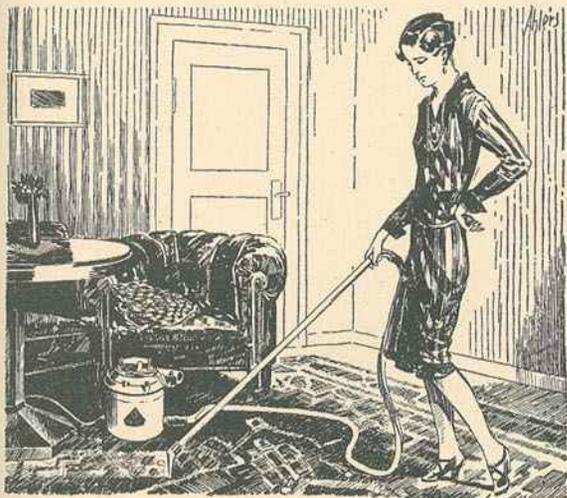
- a) *PARA OS ENGENHEIROS, COMERCIANTES AGRICULTORES E INDUSTRIAIS:*  
(Os mais recentes e sugestivos gráficos referentes à produção mineira, vegetal e animal: Portugal agrícola, geológico e mineiro; Planisfério com estações rádiotelegraficas.)
- b) *PARA OS CARTÓGRAFOS:*  
(Teoria das projecções mais usadas em geografia.)
- c) *PARA OS FILOGOS:*  
(Portugal dialectológico, mapa elaborado pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, segundo os mais recentes dados.)
- d) *PARA OS COLONIAIS:*  
(Numerosos mapas das colónias portuguesas.)

*Pela primeira vez aparecem os mapas relativos ás conquistas portuguesas em Marrocos, (sob a direcção do Dr. David Lopes) e as grandes regiões e sistemas de montanhas da Península Iberica. No mapa politico de Portugal já figura o novo distrito de Setubal*

PREÇO: 50\$00 ESCUDOS

PEDIDOS AS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# ASPIRADOR DE PÓ SIEMENS — "PROTOS"



1.º PRÉMIO EM PROVA DE QUALIDADE

Consumo 150 vátios, correspondendo a 25 centavos por hora Esc. 900\$00 — COMPLETO —

DIRECÇÃO PARA REVENDEDORES:

**SIEMENS, L.** DA

LISBOA — R. da Prata, 108 PORTO — R. das Carmelitas, 12



## Os Soberanos do Organismo!

O estomago, o fígado e o intestino dominam soberanamente no nosso organismo. Assegurem-se o seu funcionamento normal tomando todos os dias um pouco de ENO's "Fruit Salt", laxativo muito suave e puro, não contendo nem sal mineral purgativo, nem açúcar.

O ENO preserva-nos das enxaquecas, das azias e da prisão de ventre, origem de tantas doenças. Todos podem tomar o ENO sem receio; meio século de sucessos são suficiente garantia da sua eficácia.

Uma colher das de café num copo d'água, de manhã e à noite.

Depositarios em Portugal:  
ROBINSON, BARDSLEY & C.º LTD.  
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o retulo, são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

**ENO**

FRUIT SALT

## DESENHO ELEMENTAR

ORNATO

FIGURA

AGUARELA

OLEO

GRAVURA

CARICATURA

DESENHO DE IMAGINAÇÃO

ESTILISAÇÕES

ARTES DECORATIVAS FEMININAS



Tudo isto tem por base o desenho e tudo isto se ensinará pelos mais modernos processos didáticos no CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDENCIA que vai ser aberto aos assinantes e leitores da «ILUSTRAÇÃO», «VOGA» e «MAGAZINE BERTRAND». Se dispõe de 1 ou 2 horas por dia pôde, sem sair de sua casa aprende-lo. Veja no proximo «MAGAZINE» as condições.



## “CORONA”

A melhor e mais rapida maquina de somar escrevente.

Agencia para Portugal e Colonias:

J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 8, 12

Rua 1.º Dezembro, 60

LISBOA

k



**BERTRAND IRMÃOS, L<sup>DA</sup>**  
**FOTOGRAVADORES**  
**T. DA CONDESSA DO**  
**RIO 27**  
**LISBOA**  
**TEL. T. 96**

A S G R A N D E S  
VIAGENS AEREAS

MAIS UMA PROVA PRÁTICA QUE DEMONSTRA  
A EXCELENTE QUALIDADE DOS PRODUTOS

**SHELL**

O HIDRO-AVIÃO HEINCKEL D 1220 EMPREGA UNI-  
CAMENTE NA SUA TRAVESSIA DO ATLANTICO NORTE

GAZOLINA  
E OLEO

**SHELL**

A SUA PRIMEIRA "ÉTAPE,"  
LISBOA-FAIAL (AÇORES)  
FOI COBERTA EM 9 HORAS E  $\frac{3}{4}$



**Não beba água,  
senão fervida  
para evitar  
O TIFO**

Para destruir os mi-  
crobios da febre tifoide  
contidos na agua, não  
basta só que esta levante  
fervura, é absolutamente ne-  
cessario que ferva pelo menos  
durante 5 minutos.

Um fogareiro "VACUUM", gasta  
2 centavos de petroleo para pôr  
um litro de agua em condições  
de ser bebida, sem perigo; além  
disso não comunica àquela  
qualquer sabor a fumo.

**FOGÕES  
VACUUM**



À venda na  
**Vacuum Oil Company**  
Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

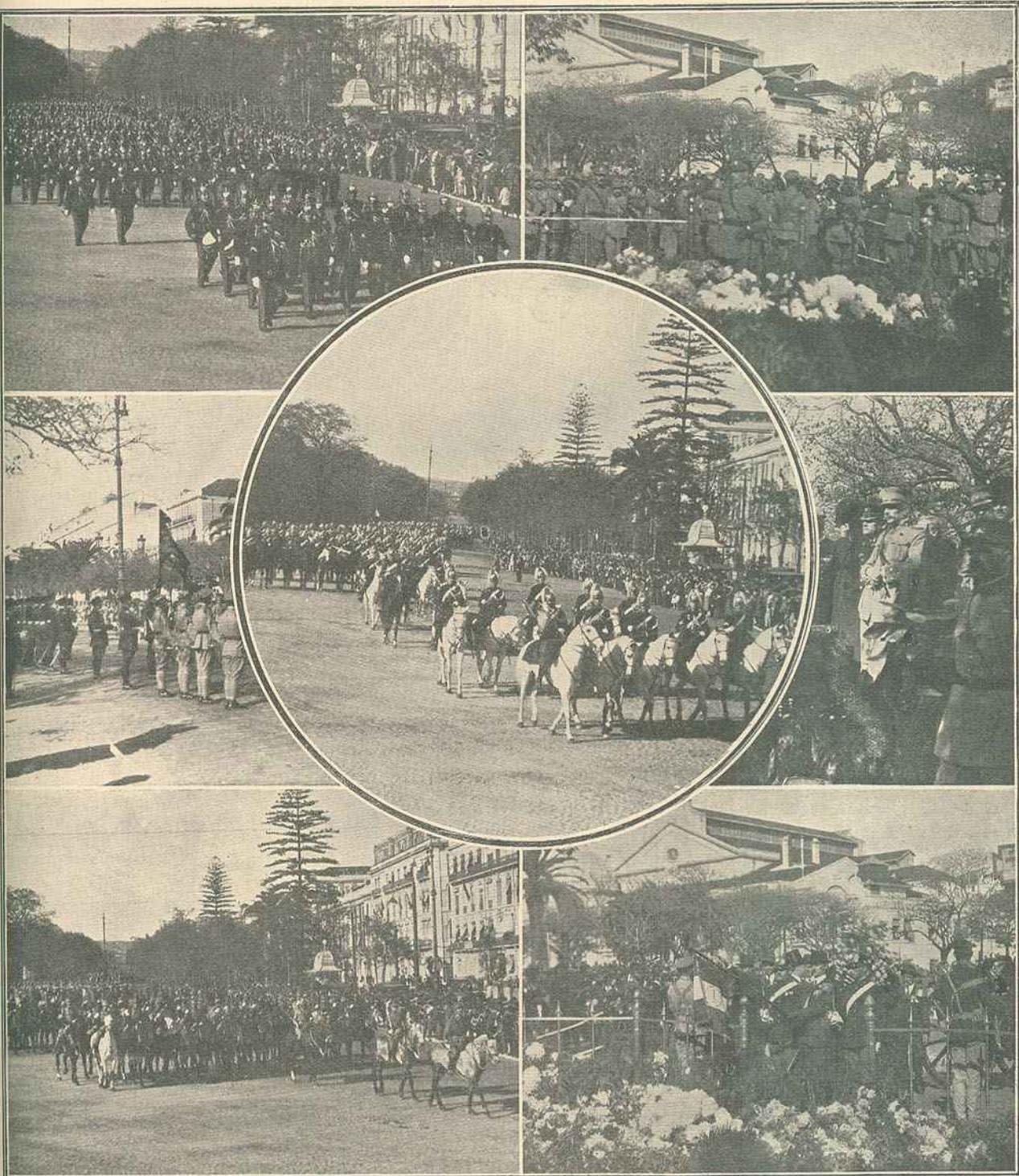
DIRECTOR-TÉCNICO:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 2.º — NÚMERO 46

16 DE NOVEMBRO DE 1917



A COMEMORAÇÃO DO ARMISTÍCIO

(Clichés Novais)

O PAÍS INTEIRO, NUM MARAVILHOSO E EXPONTÂNEO MOVIMENTO DE SAUDADE E SOLIDARIEDADE HUMANA, COMEMOROU O DIA 11 DE NOVEMBRO, DATA EM QUE, HÁ 9 ANOS, DENTRO DUM VAGÃO MILITAR, OS ALIADOS E OS ALEMÃES, ASSINARAM TRÉGUAS. ACABARA A MAIS FERROZ PUGNA DE TODOS OS TEMPOS. HOJE SE REMEMORAM OS QUE NELA MORRERAM. AS NOSSAS FOTOS MOSTRAM AS SOLENIIDADES EM LISBOA

# CRÓNICA DA QUINZENA

Há poucos dias ainda, na boa cidade de Oslo (que não ganhou muito, segundo o nosso sentimento estético dos sons, com a troca do seu antigo nome de Cristiânia), uma menina de 19 anos, Gudruna Trogstad, filha de um capitão de longo curso, fez o seu exame de chefe de equipagem marítima, sendo aprovada com distinção e recebendo os respectivos título e diploma, que lhe dão desde já o direito de comandar, sózinha e sob a sua única responsabilidade, um navio de 250 toneladas.

A medida que forem passando os anos aumentará decerto proporcionalmente o número de toneladas de navio que esta jovem loba do mar poderá dirigir; mas nada mais poético do que a combinação actual da sua idade com a sua capacidade. Se a considerarmos dirigindo aos dezanove anos uma equipagem dos homens, obedientes em pleno mar ao seu comando e respeitosa do seu sexo a sós com ela e longe de toda a polícia de costumes, esta visão é cheia de poesia encantadora e até inédita, pois não nos lembra, entre tantas histórias cómico-ou trágico-marítimas que temos lido, de situação semelhante.

Mas também pode ser que, assim como Gudruna Trogstad fez o seu exame para capitona de navio, outras donzelas norueguesas se tenham habilitado com o curso ou o diploma de simples marinheiras ou grumetas. E então aquela será, talvez, a comandante destas, e teremos o navio-colégio de meninas, ou a nau-convento de freiras, e veremos o Oceano acabar com a rudeza das tempestades, sob o pretexto galante de que não se deve bater nas mulheres, nem com um flocó de espuma.

Formar-se há, decerto, por este caminho, uma nova mitologia marítima, de sexo trocado, em que as sereias do velho Ulisses cederão o passo aos tritões da nova Gudruna, tenores aliciantes e húmidos, que entoarão tão maviosamente o *Spirito gentile*, ou o *Salve, dimora casta e pura*, que a senhora comandante ver-se há forçada a tapar com cera os ouvidos das suas marinheiras e a fazer-se amararrar, ela própria, ao mastro grande, para não se dei-

xar ir com toda a tripulação... pela água abaixo.

Bem sei, caro leitor, que estes gracejos te estão parecendo muito fáceis. O que elles principalmente são é muito precários, porque partem de um postulado cuja exactidão não posso conferir, pois não conheço de vista a menina Gudruna, nem me mostraram nenhum retrato seu. Pode dar-se o caso de que ela não seja, afinal, verdadeiramente «mulher» isto é, bonita e apeteçível. Mulher, decerto, na arquitectura, não o será talvez na pintura, nem na escultura; não o será também (em consequência da própria educação) no seu sexo profundo, embora o seja de nascença no superficial. Mulheres que procuram e accitam profissões de homens deixam fatalmente de ser mulheres, ao menos no sentido antigo, em que os atributos femininos predominantes eram a formosura, a graça, a fragilidade, a modéstia, o pudor e a própria timidez.

Há dias, na alameda da Ópera, em Paris, estavam parados, uns atrás dos outros, na esquina da rua 4 de Setembro, onze automóveis à espera, para se pôrem de novo em movimento, que o agente regulador do trânsito lhes desse com o seu pausinho branco o sinal de avançar. Decorrem instantes, o pausinho levanta-se e as onze carruagens precipitam-se. Desses onze automóveis, apenas três são conduzidos por homens; nos outros oito os «chauffeurs» são «chauffeuses», e uma destas tem os braços nus até aos ombros. *L'agent trouve ça gentil. Il sourit...* E nós também.

Mas o nosso sorriso é um pouco amarelo: é um velho sorriso ou um sorriso de velho, um sorriso fora de moda: fora desta moda nova em que os atributos da mulher começaram a ser, e vão sendo cada vez mais, tudo quanto noutro tempo se considerava como virtudes ou distintivos da virilidade: a força, a coragem, a decisão, a energia, a independência, o sangue-frio, o senhorio dos ner-

vos, o esforço muscular resistente. Na verdade caducou já a velha diferença entre «sexo forte» e «sexo fraco», entre o «sexo feio» e o «bello sexo». Isto é certo; a dúvida, agora, está apenas em saber se ambos os sexos vão ser «feios» e «fortes», *desideratum* do feminismo integral, ou se (dando a volta inteira e invertendo os indices antigos) caminhamos para outra «cavalaria» contrária à primeira, ou talvez para uma «amazonaria» inédita, em que à mulher forte incumba a defesa do fraco, isto é, do órfão, do viuvo ou do donzel...

Três raparigas francesas andam percorrendo os oceanos num pequeno barco só tripulado por elas; uma princesa alemã acaba de matar-se, na ambição de ser a primeira mulher que atravessasse em aeroplano o Atlântico Norte; três jóvens inglesas ganharam, recentemente, contra muitos homens, o campeonato internacional de motocicleta; ao pico de Quilimanjaro, a mais alta montanha de África, trepou há pouco uma valente rapariga inglesa, de apelido Mac-Donald; da celebrada Ruth Elder nem é preciso falar. O feminismo desportivo está fazendo, sem dúvida nenhuma, progressos muito mais rápidos do que o feminismo político.

Ora isto, que parece o fim do mundo ou o princípio de outro, não passa, afinal, de uma nova moda, percível como todas as modas. A mulher natural, a mulher-povo, e portanto a Mulher, na sua generalidade ou maioria, é um ser fisicamente forte, tão dotado ou quasi de robustez musculosa como o homem e, em muitas regiões do mundo, encarregada por elle dos trabalhos mais pesados e grosseiros.

O que há de novo, no desportismo feminino, é apenas uma inversão de tendências ou costumes nas mulheres «que dão o tom» ou o querem dar. Não tardará muito que essa minoria ponha em moda outra vez a ociosidade dos músculos e os encantos do janotismo sedentário. Entretanto, a maioria das mulheres, forçada por leis que não variam, continuará mantendo a verdade inalterável do provérbio *trabalhar como moira*.

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

# QUINZENA DE LISBOA



O imponente funeral de Luís Derouet, manifestação sincera de geral apreço em que era tido o desditoso jornalista, desfilou comodamente pelas ruas, em meio do povo consternado — A passagem na Rua da Escola Politécnica

Não foi, esta que passou, uma alegre quinzena lisboeta. O manto negro da morte pairou sobre a cidade levando-lhe, victima dum assassinato odioso, inexplicavelmente odioso, um homem de magna bondade. Se há consolação e reparação para uma brutalidade tamanha, já reparação começou a ser feita no imponente funeral que acompanhou o cadáver do jornalista probo que foi Luís Derouet.

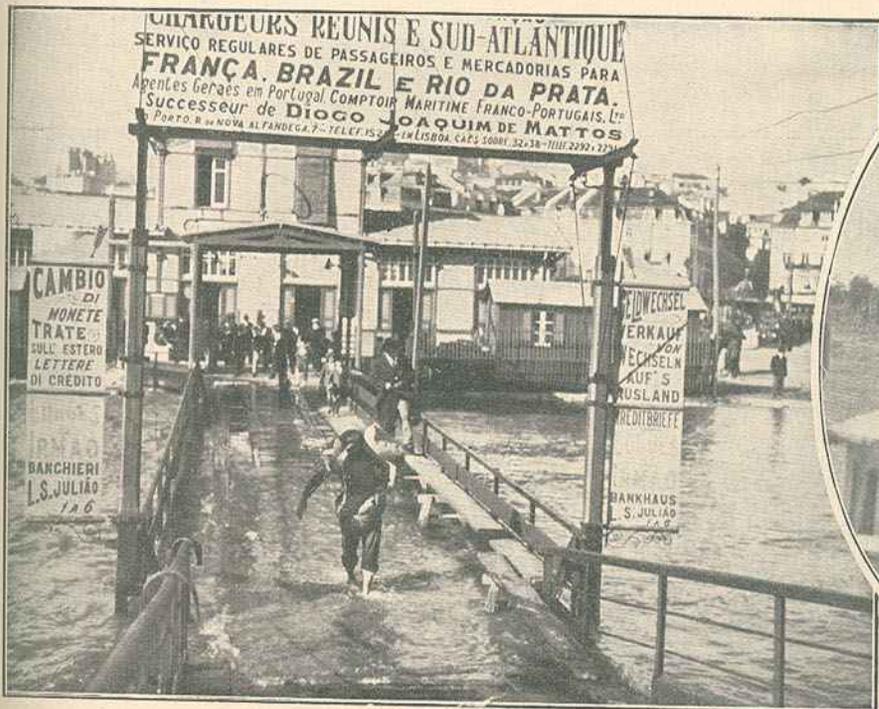
A tempestade assolou Lisboa, num súbito começo de invernã, tão violento que provocou inundações a que não estavamos costumados. E... mais nada nesta quinzena, como não seja a cerimónia da trasladação do glorioso poeta Antonio Feijó, a que nos referiremos largamente no próximo número.



NO OVAL: A chegada, ao cemitério dos Prazeres, do arnã em que repousava a urna contendo os restos do director da Imprensa Nacional, coberto pela bandeira nacional que ele tanto prestigiu

EM BAIXO: Um dos pitorescos aspectos das inundações em Lisboa: na ponte dos vapores do Cais do Sodré, o tráfego fazia-se pelo mais primitivo dos processos... às costas dos moços

(Fotos de H. de Novais)



O festival de Santo Huberto: Um dos atradores

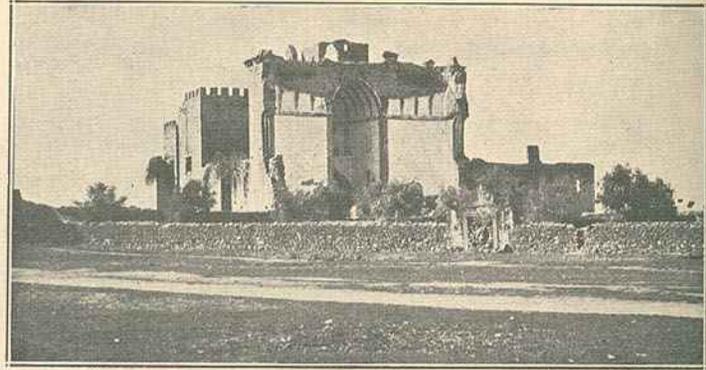
# NA FLOR DA ROSA

## TRASLADAÇÃO

### DAS CINZAS DO PAI

### DE

### NUN' ÁLVARES



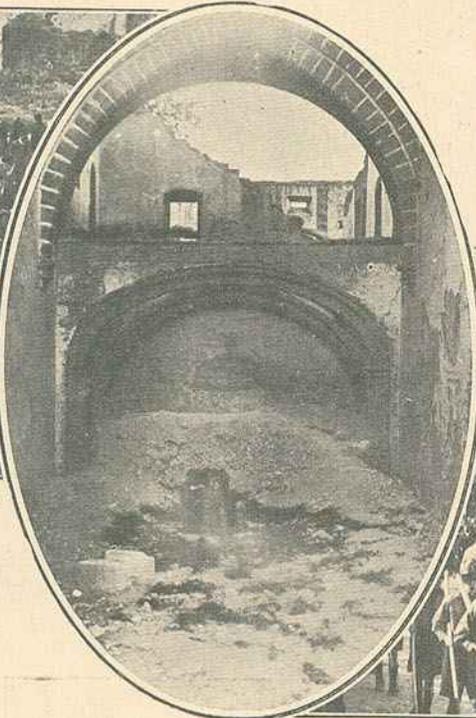
Ruínas da igreja e alcaçar da Flor da Rosa



O Bispo de Portalegre, D. Domingos Frutuoso, acompanhando o préstito

**D**ESCANÇAM, finalmente, a bom resguardo, os ossos de D. Alvaro Pereira, pai de D. Nuno Alvares Pereira. Ao cuidado zeloso do Bispo de Portalegre, o venerando prelado e estrênuo patriota senhor D. Domingos Frutuoso, se deve o pagamento desta dívida há séculos em aberto para com o despojo ilustre dum grande Português.

Coincidindo com a cerimónia da trasladação, foi nos altares da paróquia



Ruínas da Igreja



Um aspecto do cortejo



Após a trasladação



Outro aspecto do cortejo

# OS NOSSOS RAIDS ÀS PROVÍNCIAS



O «Nash» a caminho de Extremoz cujo castelo se divisa ao fundo



O «Nash» atravessando a váu a ribeira do Crato

**M**AGNÍFICO o nosso «raid»! O carro «Nash» da firma Orey Antunes, numa prova indiscutível de supremacia, galga numa tirada de Cacilhas a Alter do Chão. Só no dia seguinte iniciámos a nossa grande série de abraços fraternos a tôdas as terras do país. No Crato, o sr. dr. João Marques Antunes, presidente da Camara e administrador do concelho, saúda a *Ilustração*. Dali vamos para a

Flôr da Rosa às cerimónias da trasladação das cinzas do pai de Nun'Alvares. Voltamos a Alter onde o «Nash» ficou na garage do dr. Sá Nogueira, que foi gentilissimo de amabilidade. Vamos para Extremoz, terra dos marmores transparentes... Lá está o histórico castelo, no horizonte... Depois será para nós a peregrinação amável por todo o alto Alentejo, evocando o seu passado histórico e o seu presente formi-

davel... O «Nash» vâo sempre, sem uma «panne», sem um desfalecimento... Ideal carro, como um condutor ideal é Henrique Brito, o nosso volante, impressionante de precisão e competencia... Cá está, quasi ao pé de nós, o castelo de Extremoz... Até breve!... Linda terra a do Alentejo!

(Do nosso enviado especial)

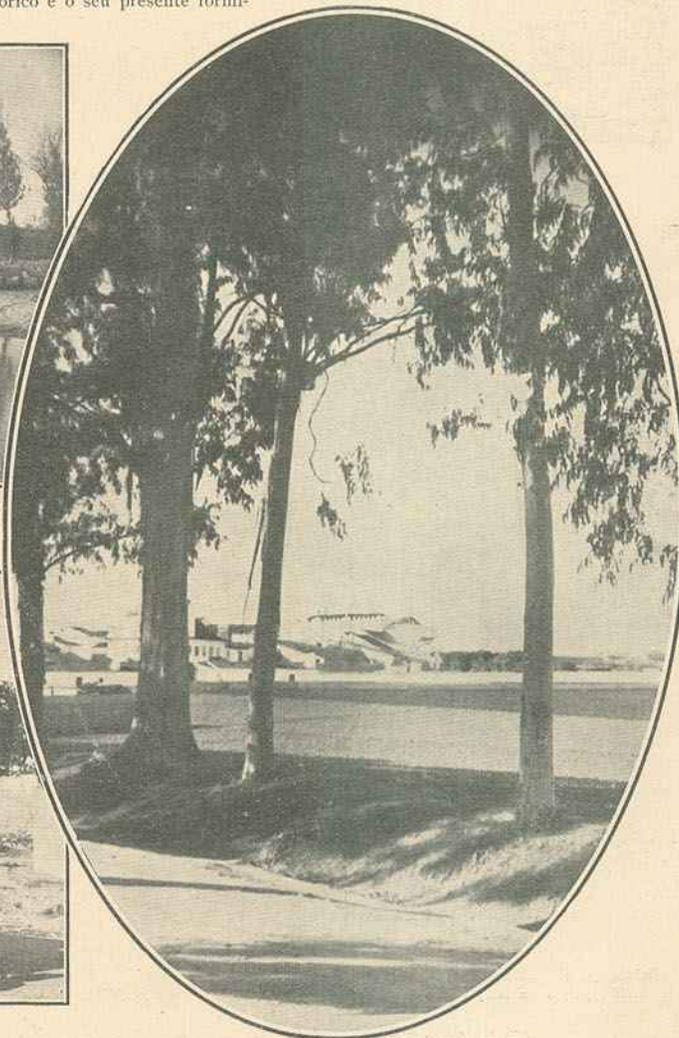


O carro «Nash» que efectua os nossos raids ás provincias, saindo das águas da ribeira do Crato



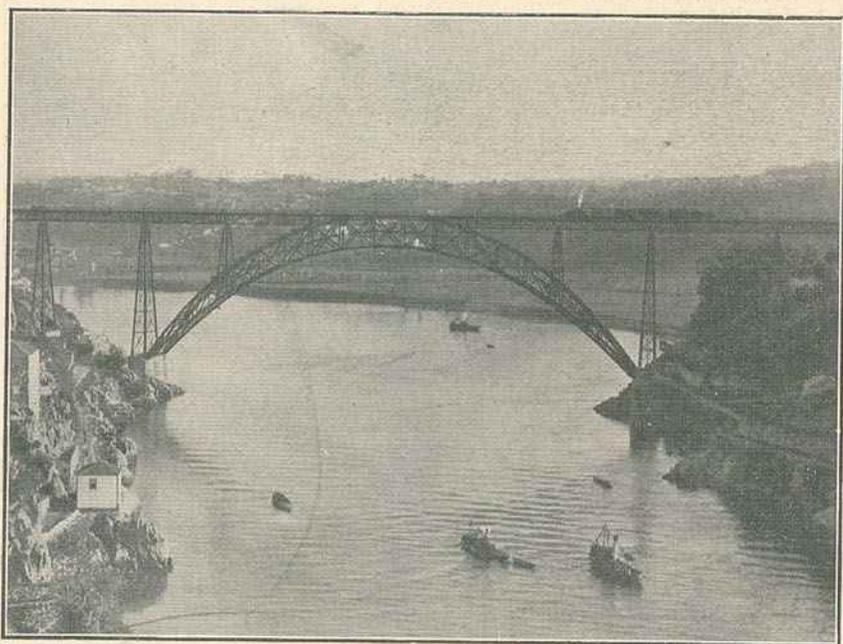
O «Nash» ao chegar a Vimieiro

(Clichés do nosso enviado especial Mário de Novais)



Vista da formosa vila de Vimieiro

# FEZ CINCOENTA ANOS A PONTE D. MARIA PIA, DO PORTO



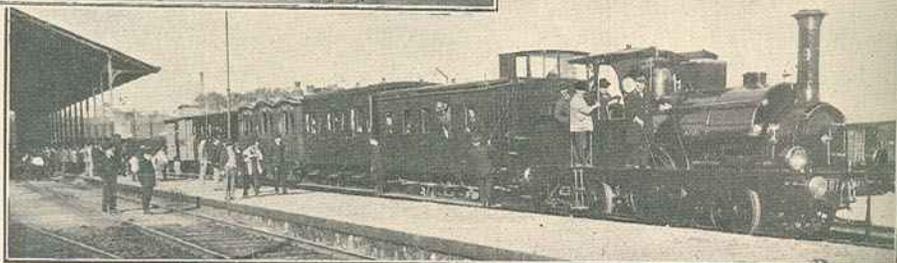
Um momento curiosíssimo. Tal como há 50 anos, o comboio inaugural atravessa lentamente a magestosa ponte D. Maria Pia entre as aclamações da multidão amontoada em ambas as margens do Douro. (Cliché Álvaro Martins)



Os «veteranos» da Companhia dos Caminhos de Ferro; são todos funcionários aposentados que assistiram à inauguração festiva da ponte, há 50 anos e que agora foram condecorados pela direcção da Companhia que tão lealmente serviram

O comboio que inaugurou a ponte e agora foi reconstituído, parado na estação de Campanhã

(Clichés Álvaro Martins)



A ponte D. Maria Pia foi construída pela casa Eiffel, de Paris, sendo começada em 5 de Janeiro de 1876 e ficando concluída a 30 de Outubro de 1877 — exclusivamente destinada à passagem de comboios da linha férrea norte e leste. Inaugurou-se solenemente em 4 de Novembro de 1877, presidindo o rei D. Luís e a rainha D. Maria Pia, que lhe deu o nome.

A ponte é formada por um grande taboleiro de 354<sup>m</sup>,375 de comprimento, dividido em três secções, tendo o taboleiro lateral da parte da cidade 137<sup>m</sup>,70, o central 51<sup>m</sup>,48 e o da parte da serra 170<sup>m</sup>,75; o que falta para preencher o total do comprimento do taboleiro está nos intervalos de 0<sup>m</sup>,60 que há entre eles.

Assenta sobre cinco pilares e num arco que tem 160 metros de largura e 62 metros de altura, desde a superfície do rio na ocasião da maré baixa, e mais dois pilares sobre si, um de cada lado.

A Associação Comercial do Porto — gloriosa e prestantíssima agremiação, a todos os títulos respeitável — uma vez mais soube honrar o seu tradicional renome, promovendo, numa comemoração festiva, a celebração da data memorável do cinquentenário da inauguração da ponte D. Maria Pia — um dos factos mais notáveis da história desta sempre laboriosa e progressiva cidade. E os habitantes do Porto — que não esquecem nunca o cumprimento dos seus deveres... — associaram-se, enternecidamente, orgulhosamente, às imponentes solenidades que agora se celebraram por tal facto.

A actual direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — digna sucessora e representante da antiga Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, que, então, promoveu a realização de tão grande obra — gostosamente se associou às festas de agora —



real, e mais três carruagens, conduzidas pela antiquíssima locomotiva 49, guiada pelo mesmo maquinista de então.

A carruagem-salão foi oferecida a el-rei D. Pedro V, em 1856, pela Companhia do Barreiro a Vendas Novas e Setúbal. Esta carruagem tomou parte em tôdas as viagens régias até 1910.

Seguiram neste combóio algumas das mais distintas senhoras pertencentes à mais alta sociedade.

No Porto, o facto solenissimo comemorou-se com sessão solêne no Palacio da Bolsa e uma exposição interessantissima de planos, plantas e curiosidades referentes à bela ponte, soberba obra de engenharia.

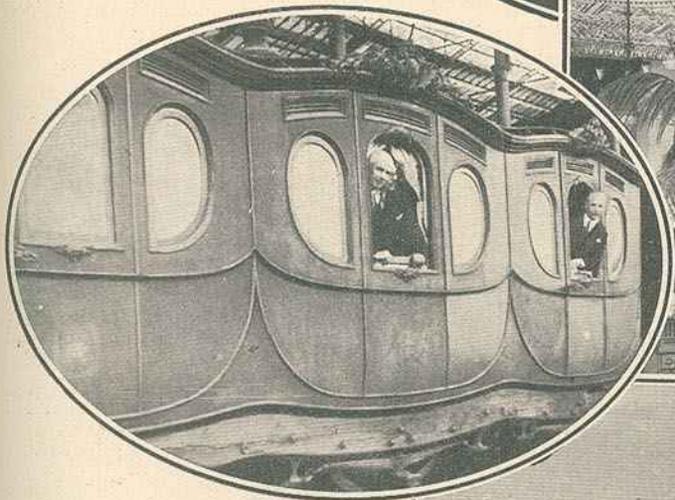
O sr. Ministro do Comércio e personalidades oficiais, à saída de S. Bento

O histórico combóio entrando na ponte, cinquenta anos depois de a ter inaugurado



organizando a reconstituição do combóio real que procedeu à inauguração, e o qual, como há cinquenta anos, atravessou, solenemente, a majestosa ponte D. Maria Pia.

A imprensa foi gentilmente convidada a tomar parte nestas festas, tomando os seus delegados logar num combóio especial que também conduziu o sr. Mi-



A carruagem real que fez parte do primeiro combóio que atravessou o Douro sobre a ponte

nistro do Comércio, personalidades em destaque no mundo oficial, e as altas individualidades da Companhia Portuguesa.

De novo atravessou a ponte de D. Maria Pia o mesmo combóio que serviu para a sua inauguração, composto por uma carruagem-salão, a carruagem



EM CIMA, à direita: A exposição de planos e curiosidades sobre a ponte D. Maria Pia

EM BAIXO: A multidão, nos pontos altos da cidade, presenciando o espectáculo da passagem do combóio histórico pela ponte D. Maria Pia

(Fotos Alvaro Martins)

# FIGURAS DO MOMENTO



JUAN BELMONTE

**F**IGURA máxima do toureiro espanhol que sofreu uma gravíssima colhida em Barcelona.



GENERAL GOMEZ

**C**HEFE revolucionário mexicano que umas notícias dizem homisiado e outras dão como fusilado.



(Foto Brasil)



(Foto Manuel)

MARCEL DORET

**O**az da acobracia aérea, prodigioso aviador francês que, ultimamente, na Alemanha e em concorrência com os mais famosos campeões tudescos, conseguiu ser, por aclamação, declarado vencedor de todos os seus competidores, ganhando um magnífico troféu e sendo felicitado pelo próprio Kronprinz, contra cujo exército, durante a guerra, Marcel Doret lutou encarniçadamente, com resultados formidáveis.

D. BERTA ROSA LIMPO

**I**LUSTRE compositora que acaba de editar «Trovas Simples», delicados trêchos musicais sôbre versos de D. Laura Chaves.

Sensibilidade privilegiada, verdadeira alma de artista, D. Berta Rosa Limpo afirma mais uma vez o seu alto valor já tantas vezes comprovado. A sua música, simples sem ser pobre de ritmos, cheia de leveza e de perfume, fica bem colocada entre as mais formosas obras do genero ligeiro, de leve sabor popular, comentando com propriedade os formosos versos.

JOÃO CORREIA SARAIVA

**I**LUSTRE tenor português que fez a sua educação artística na Itália e em breve fará ouvir entre nós a sua voz deliciosa. João Saraiva, nesta fotografia tirada em 1917, lançou entre os mais famosos tenores esta posição, verdadeira «mascotte» dos divos do bel-canto, por todos adoptada desde então. João Saraiva está destinado a ocupar um dos mais altos logares na arte lírica, pelo seu verdadeiro talento.



(Foto Furiado e Reis)

ROBERTO NOBRE

**T**ALENTOSO pintor, magnífico desenhista e finíssimo artista da decoração que, pela sua competência excepcional, foi escolhido pela direcção geral das nossas revistas para reger o novo «Curso de Desenho por correspondência» que vai ser aberto no «Magazine Bertrand» e ao qual podem ser admitidos todos os leitores e assinantes da «Ilustração». Tentativa nova, inédita no nosso país, dela esperamos os mais belos resultados educativos.

Roberto Nobre transmitirá aos seus discípulos os seus vastos conhecimentos técnicos e artísticos, formando uma série de novos artistas e amadores de desenho ou decoração.

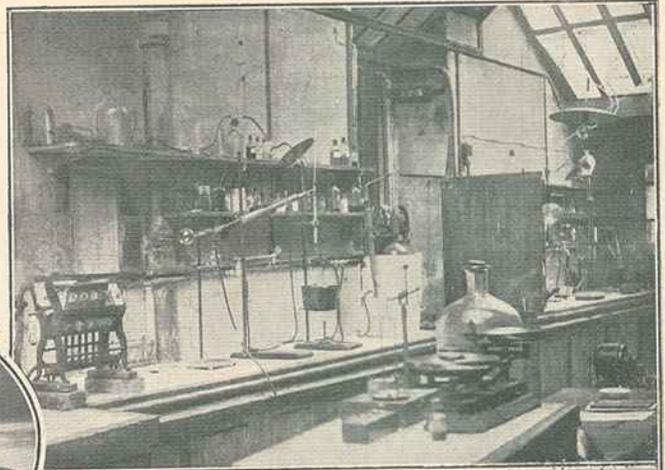


(Foto Guignoni e Bossi-Milano)



ALBERTO SOUSA  
Sala da pintura antiga no Museu Machado de Castro (COIMBRA)

# POR ÊSSE MUNDO



O laboratório onde trabalhou Berthelot e que se conserva cuidadosamente tal como era



O rei Fuad visita o presidente Doumergue

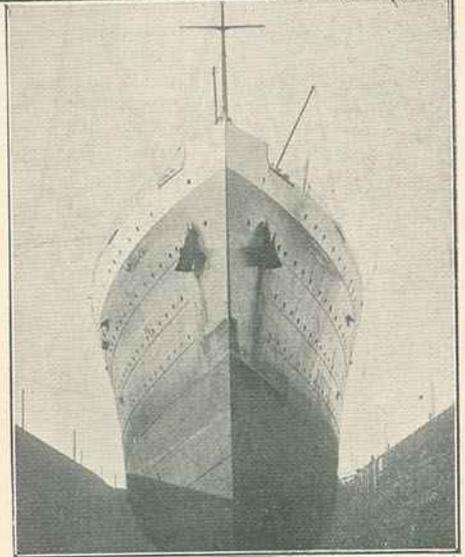
(Foto H. Manuel)



O opulento marajá de Kapurtala que acaba de testar o 50.º aniversário de sua elevação ao trono de seus avós

(Foto M. Frères)

A França festejou o centenário de Berthelot, uma das mais lidimas representações do pensamento e da ciência francesa e, protocolarmente, recebeu, na sua Paris de encantos, a visita do bom rei Fuad, soberano pacífico do protegido Egipto. Nos mares do Sul perdeu-se o «Princesa Mafalda» numa crucial catástrofe que arripia. O marajá de Kapurtala fez 50 anos sólidos de governante, e a Espanha comemorou junto do monumento a Colombo, a oferta duma corôa do grande Brasil. Eis o que nos dizem as fotos de todo o mundo.



O «Princesa Mafalda» gigantesco paquete italiano que naufragou nas costas do Brasil, num dos mais espantosos sinistros marítimos de que ha memória apos o naufrágio do «Titanic» A nossa foto representa o belo paquete antes da terrível viagem, sofrendo reparações



S. A. o Infante D. Fernando, em nome de D. Afonso XIII, dirige-se para a estátua de Colombo onde o Brasil depoz uma coroa de bronze



O encarregado de negócios do Brasil em Espanha sr. Macedo Soares, discursando ante o monumento a Colombo

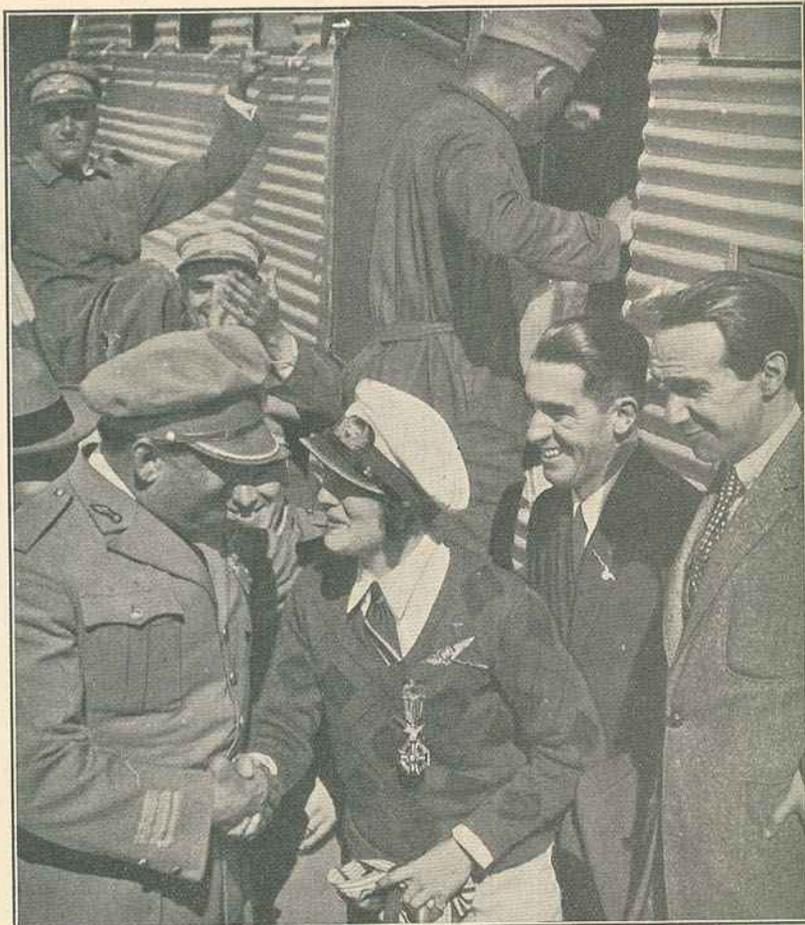
# AINDA “MISS” RUTH...



O primeiro desenho para o qual pousou Ruth Elder, executado minutos após a sua chegada à Madeira pelo nosso colaborador Diniz Fragoso. (Exclusivo da Ilustração)

RUTH Elder, já a caminho, novamente, da América, de onde partirá no malogrado «American Girl», ainda é um assunto jornalístico. Dava um longo artigo de análise... talvez realista... essa menina bonita e animada pelo mundo, que tentou um «raid», não o realizou e por isso se tornou célebre e rica. Casada agora, solteira logo, arquicasada depois, Ruth é enigmática como todas as mulheres e conseguiu, por ser mulher, ofuscar o prestígio de Haldeinan, o homem da equipe!...

À direita: Um momento culminante: Ruth Elder aterriza no Bourget, próximo de Paris



Os últimos minutos sobre o solo português; Ruth despede-se em Alverca, do comandante Cifka Duarte

Ruth Elder recebida pelo Senado francês, após a sua chegada a Paris





Chove. Chove mansamente, incansavelmente, como se o céu obedecesse à missão disciplinada de esvasiar-se sobre a terra. Não sopra vento; são bátegas doces, uma só bátega desde manhã a sol-pôr, caindo em cordas verticais, inconsoláveis e morosas como um chorar em fio. Afinal é o inverno que chega com o rompante natural, a segurança dum comboio que entra nas agulhas. Já a terra está coberta de verde, este verde inalterável, sem tons, feito das fibrilhas do centeio, da herva e de tudo o que há de mais humilde no reino vegetal. Este verde é o luto da terra. Acertadamente fixou a folhinha cristã no começo desta quadra a festa dos mortos. Que não tivessem outros crepes, tinham os da natureza. Debaixo das duas mortalhas, o verde melancólico e a cinza celeste, a obra de consumpção irá operando-se com um ritmo frio e acelerado. A imaginação pode conceber êsse trabalho de sapa, de desmoroamento, as belas feições que se apagam, as curvas voluptuosas e as rectas firmes que se partem, as arestas que se limam, toda esta reversão da estátua à maquette, ao esquisso, ao barro informe, e a química simples da terra aparece-nos pavorosa. A terra a que votamos um amor filial no nosso jardim, na nossa fazenda, nos caboucos da nossa casa, tornou-se hedionda. É o monstro que devora o nosso amor, e, por uma volta-face sobre nós mesmo, que nos há de devorar.

O homem, desde as primeiras idades, vem deficiando tudo; tudo menos a terra quer na sua noção restricta de solo, quer na sua noção planetária. É negra, é fria, é feia; alimenta-nos, mas regando-a com o suor do nosso rosto; encerra o mistério da nossa vida, mas é um laboratório de nojo na nossa morte.

A lua, *soleil des morts*, acalenta a transcendência mística que sobrenada do túmulo sobre o mundo; o sol, deus pagão, beija as campas, brinca nos mármore, morde no pó como se quizesse levar calor aos defuntos arrefecidos. O sol é inimigo das sombras e

pratica a grande obra de misericórdia de tirar o tétrico aos mortos. A terra, nossa mãe, não tem piedade; nunca foi deusa; santificando-a, riscamos nela o nosso horror.

Aos vivos, que morrem de saudades dos seus mortos, e são uns cerebrais impenitentes, não lhes servem as lágrimas de consolação. Podem elles chorar?! *Até a fim do mundo* — escreveu no mausoleu de sua amada o rei inconsolável. Quem pudera gravar na lousa dos seus mortos um adeus tão longo e, todavia, tão limitado! Que importavam milhões de milhões de séculos de apartamento, milhões de milhões de séculos que este planeta levará até estoirar e afundir-se nos oceanos sidéreos, se Nemesis reataria finalmente o fio quebrado?!

Para os que sofrem à beira duma sepultura ainda fumegante, as religiões são um adorável e benigno narcótico. Mas para aqueles em que se converteu em doce ilusão a crença na vida eterna ou, simplesmente, a sobrevivência dos espiritos, desesperada é a sua tortura e negro o seu desespéro. Certo que as religiões para entroncarem e cobrirem o mundo de sua sombra, lançaram raízes poderosas no seio do homem. A ressurreição deve ser uma dessas fundas e penetrantes raízes. Para o cristão, para o budista, para o maometano, a terra não apaga com o seu abafador inelutável a flama que se acendia, ardia, oscilava ao bafo do nosso amor; a terra é uma depositária provisória da matéria, a bela matéria que, animada, enchia de alegria os nossos olhos; devora efemeramente êsse efémero, pois que até a ressurreição dos corpos nos prometem as sapientes teologias. Mas no que são terminantes é no transporte para habitáculo melhor da entidade sensitiva e racional, numa palavra, do que há mais possessivo e

pessoal em nós. Lá nos reencontraremos todos; e voltaremos a amar-nos, pois que repugna à suprema perfectibilidade um restrictivo nas volições. Ainda que aéreos, incorpóreos, intrespessáveis ao ferro, em virtude do dom da clarividência, próprio dos corpos celestiais, veríamos outra vez floridos e buliçosos os olhos que deram luz aos nossos olhos e sentiríamos bater quente e regular o coração que palpitou pelo nosso.

Reduzidas a mística do «além», sem se repartir na dualidade assustadora do gôso inefável e do castigo com ranger de dentes, as religiões seriam admiráveis. Quem não seria religioso?! Que o grande obreiro das religiões tenha sido o nosso medo para lá da cova, a nossa ignorância da vida, ou a nossa debilidade perante a força universal, nelas cooperaram certamente a saudade dos mortos e a esperança de os encontrar. Neste seu genesis há mais poesia e grandeza que em toda a teodiceia.

Que os espiritos voltam de azas invisíveis a adejar em volta de nossas cabeças, eu o creio; a inspirar-nos; a falar-nos por vezes; a trazer-nos a terna imagem. Mas é o nosso próprio espirito que lhes dá personalidade; os anima; os veste; os vivifica. Não terão menos vida por isso, eu o creio também. Mas são fátuos e súbitamente apagam-se; porque se apagam quando a nossa vontade seria que rufassem, pairassem, não deixassem de andar connosco?!

O homem tirou os seus mistérios do sofrimento. O sofrimento é demiurgo e inventou os espectros, as almas penadas, os bons e risonhos espiritos; *l'hôte inconnu* dos espiritistas, caprichoso e desconcertante. Ele e a tristeza ergueram ao céu as catedrais.

Chove; a festa dos defuntos, fieis e infieis, já lá vai; a terra vestiu-se toda de verde, que é o seu luto pesado; o céu cobriu-se de névoa, que são os seus crepes. O homem desfazer-se-há em pranto dentro de sua alma e de nada lhe valerá. *Nevermore.*

AQUILINO RIBEIRO.

# VIDA SCIENTÍFICA

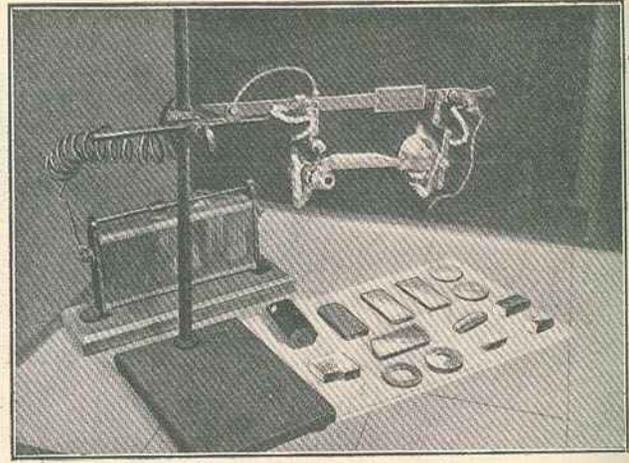
## OS RAIOS ULTRA-VIOLETAS E AS INVESTIGAÇÕES POLICIAIS

Falsificam-se notas de Banco, quadros, documentos antigos, selos do correio, pedras preciosas, e nem sempre é fácil distinguir os objectos verdadeiros das suas imitações. Recorre-se a vários processos: inspecção cuidadosa, exame de fotografias e suas ampliações, reacções químicas diversas, e tem-se agora, como valioso processo auxiliar de investigação, o exame do objecto discutido quando incidam sobre ele os raios ultra-violetas.

Raios ultra-violetas são todos aqueles cujo comprimento de onda é menor que o dos raios mais refrangentes do espectro luminoso do Sol. São, portanto, de muitas categorias. Medindo o comprimento de onda por uma unidade própria, a que os físicos chamam *angströms*, os raios vermelhos do espectro solar tem o comprimento de onda de 6.700 dessas unidades; os do outro extremo

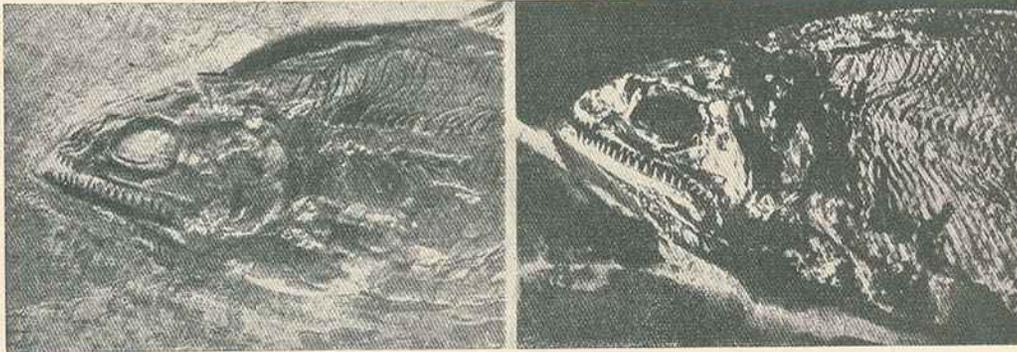
respectivas substâncias sobre uma folha de papel sensível e submetem-se às radiações. O grau de transparência é proporcional ao de ennegrecimento do papel.

Suponhamos esse mesmo dispositivo, sendo a fonte de energia radiante constituída por uma lâmpada de quartzo com vapores de mercúrio. Esta emite raios ultra-violetas que são, claro é, invisíveis mas que dão lugar ao aparecimento da luz fluorescente, uma luz visível induzida pela radiação invisível ultra-violeta. É, escreveu um físico, como um fenómeno de eco aplicado às ondas luminosas,



Pesquisa do grau de transparência de diversos corpos sólidos aos raios ultra-violetas

A fluorescência produzida sob a acção das radiações ultra-violetas serviu últimamente para distinguir os verdadeiros fósseis. Estes, talvez pela presença de vestígios de matéria orgânica, emitem, sob a acção das radiações, vivas cores fluorescentes que se destacam com surpreendente nitidez do fundo negro que representa o mineral. Com as imitações não sucede o mesmo. Estes fenómenos podem fixar-se por meio da fotografia, desde que se tenham especiais cuidados exigidos pelo emprego da radiação ultra-violeta em substituição da luz solar. Efectivamente os filtros ópticos que em geral se utilizam não detem a radiação ultra-violeta. Foi necessário procurar um filtro próprio, o azotato duplo de amónio e cério, que se emprega em soluto aquoso. Conseguiu-se então que a



Peixe petrificado visto à luz do dia (lado esquerdo) e à luz ultra-violeta (lado direito)

do espectro, isto é, os violetas, tem o de 3.900 *angström*. Tudo o que fica para baixo é ultra-violeta, compreendendo-se, pois, nesta designação radiações de muito diverso valor.

Algumas delas são-nos pouco conhecidas nas suas propriedades, porque se tornam mais raras as substâncias que lhes são transparentes à medida que diminui o seu comprimento de onda. As que se nos tornaram mais familiares e que já conseguimos pôr a nosso serviço são as de maior comprimento de onda, as que ainda atravessam o quartzo. Para radiações de comprimento de onda inferior a 2.200 *angströms* o quartzo é já um corpo opaco.

O grau de transparência ou a opacidade de um corpo às radiações determina-se facilmente pelo dispositivo da fig. 1. Colocam-se as

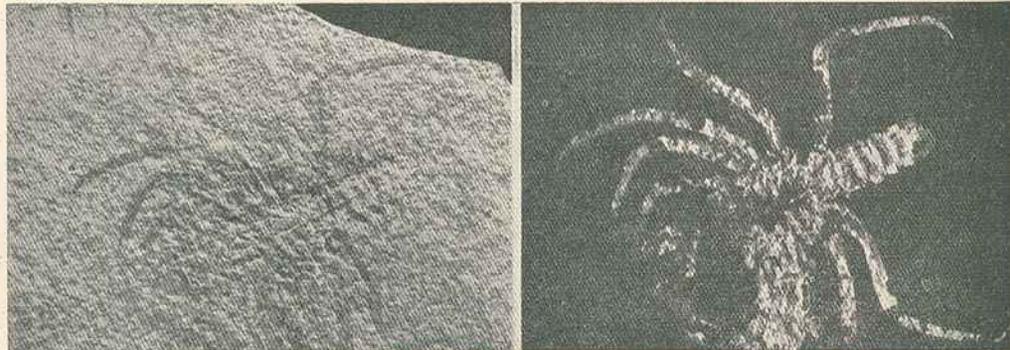
mas um eco em que a luz incidente tomasse amplitude.

Sucede que por esta forma, os objectos e as suas imitações nos aparecem diferentemente corados. E assim se distinguem as farinhas das suas falsificações ou o papel-moeda das imitações realizadas com outro papel e outras tintas que, observadas à luz solar, podem parecer idênticas.

chapa fotográfica fósse impressionada pelo fóssil, que ali se reproduz com as suas mínimas particularidades, ao passo que a rocha, transparente como se fósse o vidro aos raios de sol, não impressiona a chapa e fica na fotografia como um fundo negro.

As nossas gravuras mostram a diferença entre fotos à luz solar e raios ultra-violetas.

F. MIRA.



Caranguejo fóssil visto à luz do dia (lado esquerdo) e à luz ultra-violeta (lado direito)

## LIVROS E ESCRITORES

Coube este ano a João de Barros, o poeta viril de *Anceu*, do *Sisifo* e da *Ansiedade*, a honra de abrir a estação dos livros, que é parceira do viúho novo nos lagares e da entrada da novidade frumentária nos celeiros, com um trabalho em prosa que nada desmerece da sua já larga e apreciadíssima produção literária. Intitula-se o seu recém-aparecido volume *Grécia, Musa do Ocidente* e é composto de crônicas, na sua maioria inéditas, fixadoras das impressões duma viagem que o autor efectuou há dois anos ás terras onde a civilização mediterrânea bebeu o primeiro leite. Viagem não é talvez o termo próprio para classificar essa ida do poeta à Grécia: mais exacto será chamar-lhe romagem, romagem de misticismo pagão, romagem de fé intelectual, romagem de fervor espiritual. João de Barros, pelos motivos que vigoram dominantemente em seus poemas, pôde sempre considerar-se uma alma helénica exilada da sua pátria, quer no tempo quer no espaço. E, portanto, essa visita ao país de onde recebeu as mais profundas influências mentais tem qualquer coisa do regresso do filho pródigo ao lar paterno. Em duas partes acantonou João de Barros neste livro as suas impressões de peregrino. Na primeira alinham-se as que olham a Grécia antiga, forte, cheia de ideal, terra privilegiada da arte, povoada de densos e vates. Na parte segunda é-nos dada uma visão, embora rápida, da Grécia hodierna, porém só em seus aspectos mais suscitadores de admiração e conforto. A Grécia da decadência, verminada de lutas políticas, incerta em seu destino, fraca de ideais, habitada por um povo que com os seus remotos avoengos ténes traços de parentesco apresenta, — verdadeiramente João de Barros passou por meio dela e não a viu. A cada passo é a outra, a do pretérito, que o chama, em cada pedra é o passado belo que quebra a sua mudez e a transforma em hino apotéutico. Quanto à vida actual do povo grego, ao que o autor prendeu de bom grado a atenção foi ás manifestações intelectuais e artísticas. Os poetas da Grécia de hoje, o caracter das suas obras, o penhor que elas representam duma futura ressurreição do verdadeiro espirito helénico, mereceram a João de Barros notas e perfis muito dignos do nosso interesse de leitores. O escritor da *Grécia, Musa do Ocidente* é optimista, crê numa renascença desse génio que espalhou sonho e beleza pelo mundo e dela fia a persistência da civilização latina, nos dias de hoje, segundo Henri Massis, tão ameaçada pelo oriente. Para ele a raça que tão alto erguen seu prestígio não se extinguiu nem

Que Júlio Monteiro Aillaud, há semanas levado pela morte, não era, no meio livreiro português; uma figura banal — deixou-o aqui accentuado, numa sentida crónica, a pena brilhante do sr. dr. Brito Camacho. Mas não só entre nós a sua acção inteligente era conhecida e louvada, não só em Portugal a sua iniciativa amiga de todos os progressos e a larga cultura do seu espirito eram tidos como de primeira água. Ao abrimos um dos últimos números da *Bibliographie de la France*, encontramos, em lugar de honra, um bom artigo que esboça a biografia do extinto e o seu perfil mental, evocando todos os seus fecundos esforços no sentido de uma maior aproximação literária entre Portugal e a França, que para ele representavam as duas pátrias do seu espirito. As palavras desse artigo veem-nos direitas ao coração, e tanto mais consoladoras são quanto é certo que a *Bibliographie de la France* é um orgão importante da livraria, talvez a mais completa revista da especialidade que se publica na Europa. Muito grato nos é, portanto, registar esta homenagem, de todo o ponto justa, à memória dum grande amigo dos livros a quem as letras nacionais ficaram devendo inesquecíveis serviços.

Nome que, por já muito conhecido e respeitado, dispensa o habitual rosário de adjéctivos laudatórios, o da sr.ª D. Ana de Castro Osório aparece-nos sempre no frontispício de obras de alto expoente educativo, quer quando se dirige aos brandos espíritos infantis, quer quando escreve para adultos, que muitas vezes não menos carecem de quem lhes illumine o cérebro e oriente o espirito. Deve-se-lhe, sobretudo, a criação duma boa biblioteca para a gente miuda, género em que abriu caminho a muitos dos actuais cultores, e também uma intensa e lúcida campanha feminista, levada a efeito por meio do livro, do artigo e da con-



*Calu bem no meio literário a resolução noticiada no ante-penúltimo número da nossa Revista a respeito do Concurso aberto pela Ilustração entre os romancistas e novelistas portugueses e ao qual estão destinados prémios no valor de*

10:000\$00

*No íntimo de todos estava já a necessidade da ampliação do prazo para a entrega dos trabalhos, em virtude da anormalidade que tem soffocado nos tempos últimos a vida nacional. Com a decisão lomada mais obras, decerto, virão concorrer, e daí maior realce, mais alto significado atingirá o torneio.*

*Ociosos é dizer que os livros até agora presentes mantem o seu direito de inscrição, para em devido tempo serem classificados à conta com os que de futuro se inscreverem. E deste modo, caso a vitória calba a qualquer d'elles, isso só acrescentará a sua glória, pois vencer apenas por falta de competidores se garante proveitos não dá honras.*

*A referida prorrogação, claro está, implica o adiamento da*

## FESTA OU SEMANA DO LIVRO

*que com a cooperação de todos que desempenham no meio da edição qualquer papel, pequeno ou grande, desde o escritor ao livreiro, desde o tipógrafo ao illustrador, assentámos em promover: ela virá a efectuar-se, como aliás era do nosso plano primitivo, em volta do dia consagrado a Camões, ou seja na primeira quinzena de Junho do ano próximo futuro.*

*A relação das obras recebidas para o efeito do nosso Concurso e já registadas nos números anteriores, temos hoje a acrescentar as duas seguintes:*

*Fonte de Juvencio, do sr. Cerqueira Magro; e Zambeziana, do sr. Emilio de San Bruno.*

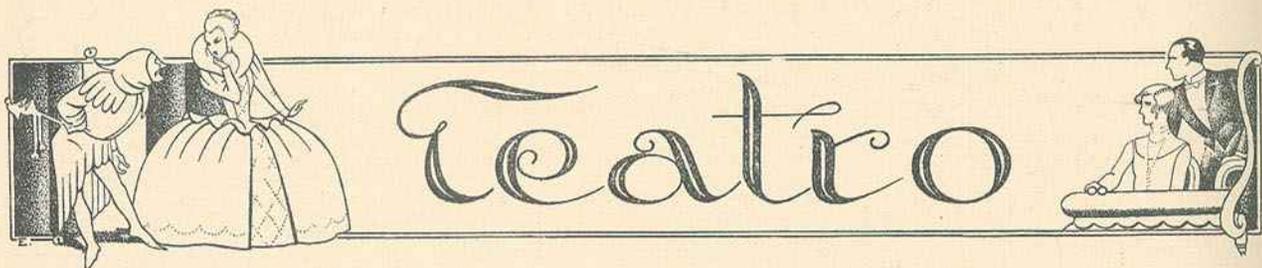
*Enunciamos novamente, de acôrdo com o adiamento resolvido, as condições básicas do certame: 1.ª — Só podem concorrer os livros originaes, de romances ou novelas, cujo lexico exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e editados em Portugal, tenham vindo ou venham a lume desde 1 de Outubro de 1926 até 30 de Abril de 1928; 2.ª — Os editores dessas obras enviar-nos hão cinco exemplares de cada uma delas, para serviço do júri que as classificará, designando com nitidez no envólucro: «Para o Concurso Literário da Ilustração».*



se extinguirá: possui o dom da immortalidade. Se nesta convicção se mistura um pouco do deslumbramento do artista, que de sua natureza é embelezador da realidade, não lho levemos a mal. E porque não supormos, ao menos, que o que nos faz conceber a Grécia antiga como muito superior à actual e isenta de qualquer mácula é o véu espesso de tempo que sobre ela caiu? As sombras diluiram-se e agora só transparece o claro da sua arte. «L'antique est une sorte de réalité purifiée par le temps» já o disse Guyau.

ferência. Por campanha feminista não se entenda, porém, a guerra contumaz ao sexo forte e a reivindicação para o sexo fraco de regalias e direitos ilimitados e mesmo absurdos, por contrários às posições respectivamente marcadas na vida ao homem e à mulher. O seu apostolado tem sido mesmo no sentido de corrigir as exigências de algumas das suas irmãs, que na ânsia de se libertarem exageraram o conceito de liberdade e invadem o campo do abuso, a si próprias nocivo.

O que esta escritora tem preconizado sempre tem sido o perfeito entendimento dos dois sexos e a colocação da mulher no lugar que lhe compete na sociedade moderna, desenvolvendo as suas faculdades úteis e convertendo-se em auxiliar do homem, para que ambos, de parçaria, alcancem a felicidade. Onde se barafuste com outro fito, onde a mulher surja a reclamar coisa diferente — a sr.ª D. Ana de Castro Osório não comparece. Sua bandeira é de paz e só ondula onde se discute com calma e bom-senso. Mesmo nos seus trabalhos de carácter romanesco, realizando o que Paul Bourget enuncia como «leçons cliniques rédigées en drames et en romans» vigora essa preocupação de educadora, e é isso que mais uma vez pudémos verificar no seu último romance, *Mundo Novo*. Em grande parte formado de cartas, nesse romance, que de início nos ilude, dando-nos a impressão de estarmos perante uma simples crónica de viagem, pelo muito que se retarda o começo da intriga, colhe-se um quadro cativante e colorido da progressividade e da exuberância espontânea da terra brasílica, mas isto sem lisongeiros ampliações e até com salutareas advertências contra as miríficas idéas que a tal respeito entre nós correm e conseguem atrair ali, para um trabalho árduo e inglório, o nosso pobre emigrante. Há ali, sem dúvida, um mundo novo a descobrir, a penetrar, a explorar, prosseguindo a acção civilizadora dos portugueses da colonização, mas para levar a cabo essa empresa imprescindível é uma vontade firme e uma intelligência munida de conhecimentos. *Mundo Novo* com suas riquezas já apuradas e ao franco alcance de quem chegue só para colhê-las, esse — desengana-nos a autora — esse não existe. Nesta obra, a lição soberba concretizada nas vidas de Leonor e Paulo, duas almas claras, duas energias esplêndidas, atribui-lhe um valor social a adicionar ao literário, que é correspondente aos méritos da autora.



# OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE ROBERTO NOBRE)

## JOSÉ ALVES DA CUNHA

UM ATLETA DA SCENA

Com um poder formidável de exteriorização, êle arranca o papel, revolve-o, tira-lhe cá para fora a alma e põe-na no lugar da sua.

Porque Alves da Cunha apaga-se por completo, quando representa.



E é só assim que êste verbo tem a sua verdadeira significação.

Representar é figurar uma pessoa diferente de nós próprios, é incarnar uma alma diversa da nossa.

E há em tôda a parte actores e actrices que nunca representam, que nos dão sempre a sua própria personalidade ou que tão mal a escondem que ela se sobrepõe sempre à personagem imaginada pelo autor.

Alves da Cunha é um autêntico actor. Desaparece inteiramente, por detrás do pa-

pel que tem de dar a público, e nós chegamos a esquecê-lo, para só pensar na criação que temos na nossa frente, na sua grandeza trágica ou cômica.

É absolutamente único, nos papeis violentos e sacudidos, onde o artista, apaixonado pela sua arte, se expande e rejubila.

Em qualquer outro país de ambiente mais propício às manifestações do talento, José Alves da Cunha seria já senhor de um rico palácio e de automóveis famosos, como os seus iguais estrangeiros.

Assim, tem vegetado apenas, desbaratando, sem proveito, o seu génio de predestinado para a glória.

E, para não succumbir, tem de agarrar-se ao ideal, sua única tábua de salvação, no mar de desenganos, onde a gente de teatro, a miúdo, naufraga, em Portugal.

## BERTA DE BIVAR

Actriz por vocação, mulher *chic*, requestada e animada pela gente do bom-tom, Berta disse um dia adeus ao chá das cinco das elegâncias, voltou as costas aos *raouls* mundanos, fugiu dos *garden-party* floridos, e embrenhou-se no parque frondoso e cerrado das emoções artificiais.

Deixou de brilhar sob os lustres luxuosos dos salões da moda, e foi expôr seu rosto, empalidecido pela dôr, criada pela sua alma de artista, à luz crua da ribalta.

Aos madrigais que a sua beleza e a sua graça inspiravam, entre duas voltas de valsa, ela preferiu os aplausos da multidão anónima, sublinhando as passagens felizes de uma explosão de mágua ou de uma revoadada de alegria.

Porque Berta, se no drama nos comove com a fina sensibilidade do seu espírito, também sabe trazer-nos aos lábios um sorriso, quando na comédia ligeira incarna uma personagem desenvolta e alegre.

Desde a sua estreia brilhante no *Ninho de Águias*, patrocinada pelo ensinamento magnífico de Lucinda Simões — a Grande — até essa formidável *charge* de Sayoir, que é *A Gran Duquesa* e o *criado de quarto*, que de esforço dispendido e quantas dúvidas, quantas incertezas, na sua ânsia de perfeição.

Mas fácil lhe foi vencer, porque Berta de Bivar, sob o seu envólucro de feminina fra-



gabilidade, guarda um ardor combativo que a leva a lutar sem desfalecimentos.

Os laços conjugais que a prenderam a Alves da Cunha, mais afinaram a sua energia. Porque o amor é e há de ser sempre, enquanto no mundo houver um homem e uma mulher, o maior estímulo, o tónico admirável que enrija a alma e a obriga a erguer um arco de triunfo em cada peleja pela conquista da glória.

MERCEDES BLASCO.

# A NOSSA ALEGRE COMPANHEIRA

Canção.

Canção da rua, canção de sala, canção de revista, canção popular, canção sentimental, canção heróica, — é uma família vasta, algo misturada, de complicada genealogia, e fidalguia certa, se atendemos só ao remoto da origem.

Nós não podemos fazer ideia duma humanidade que não cante, ou assobie, ou toque ou assopre num instrumento, rudimentar embora. Pelo estudo comparativo das diversas civilizações observamos que a arte é a interprete dessas civilizações; dum lado a casa: a arquitectura; a decoração da casa: a pintura e a escultura; doutro lado a alma humana expressando-se directamente: a palavra, o movimento corpóreo, o ritmo dum e doutro, a mímica, o drama; e finalmente o acênto dramático, a melodia. (Não menciono aqui a harmonia porque, no sentido de sons diferentes sobrepostos com variantes de intervalo, parece averiguado que é descoberta medieval, recentíssima portanto, comparada com a melodia).

E o ingenho do espírito humano também fez com que recue na noite dos tempos o aparecimento dos primeiros instrumentos. Há harpas ancestrais nas decorações milenárias dos monumentos funerários do Egipto. O deus Pan, — personificação da natureza, — é inseparável do seu «syrinx», — a nossa gaita corriqueira, que apenas marcou o andar dos tempos passando de caninha a fôlha de lata. Jesus, e com Ele o aparecimento do terrôr do Pecado, quebrou a lira de ouro de Apolo, deus do amor-gôso e da luz-prazer; mas logo no século IV Santo Ambrósio e os seus contemporâneos servem-se das bases melódicas e tonais gregas...

A canção, porém, não deve ser de origem dramática, — que sub-entende «cultura», — nem litúrgica a-pesar de que não deixou de ir por vezes buscar água benta. Ela é uma consequência, e ao mesmo tempo uma impul-

## A CANÇÃO

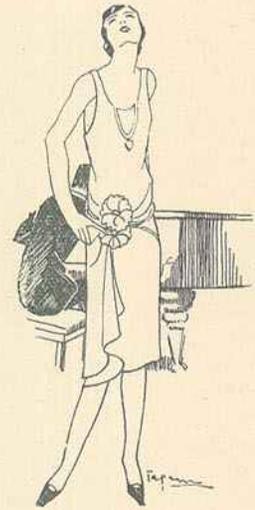
sôra do ritmo corpóreo simples. Foi elaborada para divertir, para descansar do trabalho, — ou da inacção — pode encerrar emoção, mas a sua característica é apenas a periodicidade duma fórmula rítmica curta e simples, e assim é natural que ela tenha sido das mais antigas fórmulas musicais. Indica o seu próprio nome que é própria para ser cantada, e de facto tem em geral palavras, mas não atende por regra, à prosodia, e muito menos ao acento dramático, a não ser que principie a ligar com «baladas» e «rimances», — caminho para o drama, ainda popular, e portanto rudimentar.

Os bons tratados de história musical dão o aparecimento da canção pelos séculos XII e XIII da nossa era, — conjuntamente com os festivais poético-musicais introduzidos nas côrtes e nos castelos pelos Trovadores. Na realidade o que houve então foi um prodigioso movimento para a frente provocado pelas cruzadas; novas fórmulas do oriente, e de povos de outras nacionalidades que tinham confraternizado na Guerra Santa, foram nêsse momento introduzidas no Ocidente. Os compositores nacionais, entre os quais nomes ilustres como Thibaut IV, rei de Navarra, ganharam brio, quizeram rivalizar, e também contar o que tinham visto, além do eterno assunto amoroso. E nos serôes das imensas salas ogivais de enorme lareira, cadeiras de espaldar alto, estofos carmesim, tochas bruxuleantes e fêctos perdidos na sombra, declamando-se e cantando-se ao som do «luth» e da viola antiga, é a aura da Renascença que se prepara.

Como data dessa época a vulgarização da grafia musical, — embora manual ainda, — compreende-se que os mais célebres trovadores do tempo sejam os primeiros cujas obras fiquem estampadas para a posteridade, — e daí a aproximação ao século XIII do aparecimento da forma musical restritamente conhecida nos compêndios de composição sob o nome de «Chanson», ou «Canzone», ou «canção». Nessa aceção do termo, a «canção» é uma forma musical determinada, e, além de introdutores de arte exótica, pertence aos trovadores medievais a fixação dessa forma, embrião por sua vez de formas que se desenvolvem largamente na arte profana e na arte litúrgica paralelamente.

Mas o termo em si é muito mais vasto, o que êle representa é quasi sempre o que há de mais anônimo e desprezencioso, assim como os multiplos aspectos que abrem esta

crónica. Não é preciso saber música para aprender uma canção, — uma cantiga, uma modinha, uma toada; e tanto assim é que muitas daquelas que são de origem remota e foram buriladas, transformadas, alteradas pelos lábios do povo, são transmitidas de geração em geração apenas pela tradição.



Essa canção, dita popular, de origem mais ou menos incerta, mais ou menos remota, é preciosa pela característica regional que reveste, — tal qual a linguagem, o vestuário. Em todos os países, musicistas ilustres tem percorrido províncias e províncias para recolherem as mais típicas canções regionais. Em Portugal tem havido a louvável preocupação de fazer o mesmo, — e ao pé de canções simpáticas, mas inevitavelmente banais, encontraram-se joias como a «Tirana»... Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra, — e povos pequenos também, — todos tem o seu «folklore» musical, onde os compositores vão bastas vezes buscar fundo para trabalhos de maior envergadura. Foi através de trabalhos destes que veio até nós a riqueza inaudita, — viço melódico, afirmação rítmica, originalidade e «charme», — do «folklore» russo.

Dentro destas canções das quais se diz que foram feitas pelo povo, muitas decerto morreram, que foram feitas para o povo, — quero dizer, para o grande público. Ao cosmopolitismo das cidades, à variedade de sensações e à diversidade de conhecimentos que o homem, que de aldeão passou a cidadão, se habituou a experimentar, a modinha popular não basta. Contudo, todo aquele que não pede à música mais do que um passatempo sem esforço cerebral não precisa, não atinge o engrandecimento e o aperfeiçoamento das suas fórmulas; aceita mais fácil-



mente fórmulas estrangeiras, conquanto sejam singelas, e sugestivas dentro da sua singeleza. Assim, succedem-se milhares e milhares de produções feitas conforme o favor da moda, — até certo ponto equivalente do favor da política. E o que tem abastecido ultimamente os mercados ocidentais é o *foxtrot* e seus derivados, de importação semi-americana semi-inglesa, acrescido da diabrura rítmica do «jazz-band», de origem americana igualmente, mas negra...

O Tango argentino, o Maxixe brasileiro, tem seus admiradores também; o «couplet» espanhol (passe o paradoxo da palavra francesa), mitigado de ritmo «foxtrotado» ainda não cançou; mas a valsa, a ex-tóda poderosa valsa de origem alemã-austriaca, que imperou em tantos corações, tantas cabeças, — e tantos pés! — tem estado moribunda. Há quem afirme que está prestes a ressurgir, depois duma radiosa metamorfose...

Os compositores... *ligeiros* de cada país atiram-se ao género mais em voga, — ou a um dos géneros mais em voga. Não é preciso ser brasileiro para fazer um Maxixe, nem americano para elocubrar um Charleston. Temos, então, através do ritmo estrangeiro, a transparência híbrida da feição nacional, — como na *Maria, são teus olhos azeitonas*, do seu feliz progenitor o maestro Alves Coelho...

Em França, houve muito mais do que em Portugal e Espanha a preocupação da can-

ção sentimental ou patriótica, o pequeno «romance» lírico ou guerreiro, — quando não as duas coisas juntas. Entre outras uma personagem histórica, — a rainha Hortense, enteada e cunhada do grande Napoleão, — compôs canções, sôbre pequenos romances, de verdadeiro interesse, e que ainda eram can-

dança, sem compensarem pela morbidez, para ingressar, com felicidade, em povos mais meridionais.

\* \*

Aqui está um vôo em aeroplano sôbre as origens (?) e os aspectos da canção, — o que se assobia nas ruas, o que se canta nas salas, o que as «coupletistas» trazem para o tablado. Parece à primeira vista que deveriam ser três géneros bem diversos e vincados. Mas não! A canção popular, anónima, é apanágio de todos, grandes e pequenos, que nclás respiram mais ou menos intensamente o ar pátrio. A outra canção, — qualquer das outras canções, — também circula por avenidas e vielas, como o pão e a água. Desce da sala à rua, — ou sôbe da rua à sala. Muitas delas, de resto, vieram do palco, em números soltos, ou nalguma revista, nalguma opereta, onde foram ouvidas tanto pelos camarotes como pela geral. A comodidade do assento difere, mas o espectáculo é o mesmo... Algumas das canções assim celebrizadas são infames de pobreza musical, outras contem um motivo agradável, — tôdas são irmãs pela facilidade com que são assimiláveis. A emoção franca, — triste ou alegre, — de algumas compensa a perversidade de outras; e o sucesso de qualquer dentre elas não deve ofender porque, seja qual fôr a sua fulguração, passa como um meteoro.

FRANCINE BENOIT.



tadas com agrado meio século mais tarde. E, recentemente então, um dos aspectos da Grande Guerra ficou estampado pela célebre «Madelon», a que deram depois quasi fóros de hino patriótico. Estes géneros de canção alheiam-se demasiadamente do ritmo de

## OS NOSSOS RAIDS ÀS PROVÍNCIAS



MÁRIO NOVAIS



CASTELO DE MORAIS



HENRIQUE BRITO

No passado dia 4 do corrente, partiu de Lisboa o esplêndido carro NASH que, por amável cedência da firma Orey Antunes & C., Ltd., vai levar a «ILUSTRAÇÃO», o «MAGAZINE BERTRAND» e a «VOGA» aos recantos das nossas províncias, num grande abraço de saudação. Na primeira *étape*, o soberbo carro, guiado pelo «az» do volante, Henrique Brito e levando como passageiros o nosso fotógrafo Mário de Novais e o redactor destas publicações, Eduardo Frias, cobriu 250 quilómetros num andamento maravilhoso em péssimas estradas do Alto Alentejo. Noutro lugar desta revista daremos flagrantes reportagens efectuadas pela nossa missão especial, cuja orientação está entregue à competência de Castelo de Moraes, que não pode seguir por motivos de saúde.

# SOCIEDADE ELEGANTE



MADAME LAFAYETTE DE CARVALHO E SILVA

ILUSTRE SENHORA, ESPOSA DO ACTUAL ENCARREGADO DE NEGÓCIOS DO BRASIL E QUE, PELO ENCANTO E DISTINÇÃO MUITO PESSOALS, CONQUISTOU UM LOGAR DE EVIDENCIA NA SOCIEDADE

# “O FAUTEUIL 47”

Em Paris, no Théâtre du Gymnase, constata-se um facto singular: o fauteuil 47 é ocupado, tôdas as noites, desde a estreia da peça, pelo elegantíssimo Paulo Senerac. Es-

mentar vizinho, sentara-se, um momento, no fauteuil vazio. Daí proveio o êrro do contra-regra. Este êrro tem conseqüências porque o velho elegante é o



Gilberta Boulanger era a atriz da moda...



Paulo Senerac, um tímido...

tamos na 63.<sup>a</sup> representação e o misterioso espectador lá está, no seu posto, aplaudindo com o mesmo calor. Porque enigmática razão... Pelo valor artístico da obra representada? Não... Simplesmente porque a célebre atriz Gilberta Boulanger, que interpreta a peça, produziu uma impressão extraordinariamente profunda no coração moço de Paulo.

Este, tímido, inexperiente, não se atreve a escrever à atriz, nem sequer a enviar-lhe umas simples flores... Tudo parece opôr-se às suas aspirações; a reputação de Gilberta é excelente e passa por casada... e séria.

Entretanto, pelos bastidores, todos riem a perder com aquele adorador tenaz e respeitoso e até a própria Gilberta se interessa por êle, embora superficialmente; de resto, a grande comediante é muito fraca de vista e distinguiu mal, na penumbra da orquestra, o rosto do ingénuo adorador.

Uma noite, no seu camarim, Gilberta tem uma violentíssima emoção. Seu marido, um modesto professor de gymnástica, deixou-a bruscamente. Homem humilde, teve sempre relutância pela vida faustosa, brilhante, de sua mulher e tendo encontrado uma mulher, burguesa, modesta como êle, que melhor convem aos seus gostos, vai divorciar-se e deixa a Gilberta a guarda da filhinha...

Furiosa, nervosa, despeitada, Gilberta perde a cabeça e decidida a ser como tantas outras pede ao contra-regra que lhe chame ao camarim o espectador do fauteuil 47.

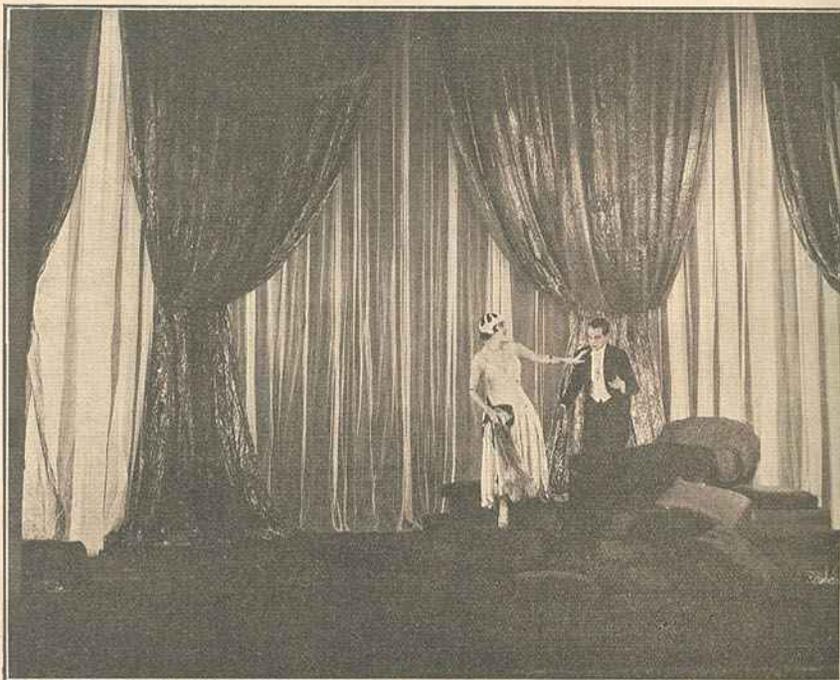
Quando o serviçal empregado volta, Gilberta fica petrificada. O espectador que se apresenta não é o rapaz loiro, tímido, que ela esperava, mas um velho extremamente chic e cheio de elegância.

Tudo se explica, de resto; durante o entre-acto, o proprietário do fauteuil 47 fôra fumar um cigarro até ao jardim de inverno e o elegante ancião, que comprara um suple-

barão Lebray, arqui-milionário e que também há anos que corteja Gilberta. Esta, encantada com a conversa do seu admirador, falta à sua entrada em scena, o que ocasiona tumulto, borborinho e por fim a imposição, por parte da autoridade, de ser restituído o dinheiro aos espectadores. É o barão que paga tudo e em troca, Paulo Senerac, esperando, como sempre, o seu ídolo junto à porta da «caixa» vê Gilberta sair com o seu

velho pretendente. Desorientado, o ingénuo rapaz decide jogar as últimas cartadas escrevendo um grande drama de arte e oferecendo o papel principal a Gilberta. E quando, a tremer, comovido, Paulo se apresenta em casa de Gilberta esta, já divorciada do professor de gymnástica, é a baronesa Lebray, embora não tenha renunciado ao teatro.

A leitura do drama é uma comédia bur-



A comediante continuava triunfante...

# toografia



tura da peça será um pretexto?...

Afasta a filha e interroga Paulo severamente sobre a sua identidade e meios de fortuna, para acabar declarando:

Casam e partem para a viagem de núpcias... mas em pouco tempo a mãe nota que o lar de sua filha vai mal. O marido não está contente com a inconseqüência da mulher e a mulher acha o marido macambúzio. Há cenas violentas e dentro em pouco, por represália, Lúlú deixa-se cortejar por todos os homens e Paulo corteja tôdas as mulheres... Gilberta quer conjurar o perigo. Lúlú,



A linda Lúlú, um mimo...



A ingenuidade de Paulo não ousava exceder-se...

lesca e interrompe-a a chegada duma linda rapariga, Lúlú, a filha de Gilberta que o primeiro marido lhe deixou. Acaba de fugir do convento e é o diabrete da casa.

Lúlú reconhece em Paulo o irmão da sua melhor amiga do convento e o embaraço deste é tão grande que Gilberta sente suspeitas de alguma coisa... Será premeditado aquele encontro entre os dois jovens? A lei-

— Gosto muito de si... para genro!...

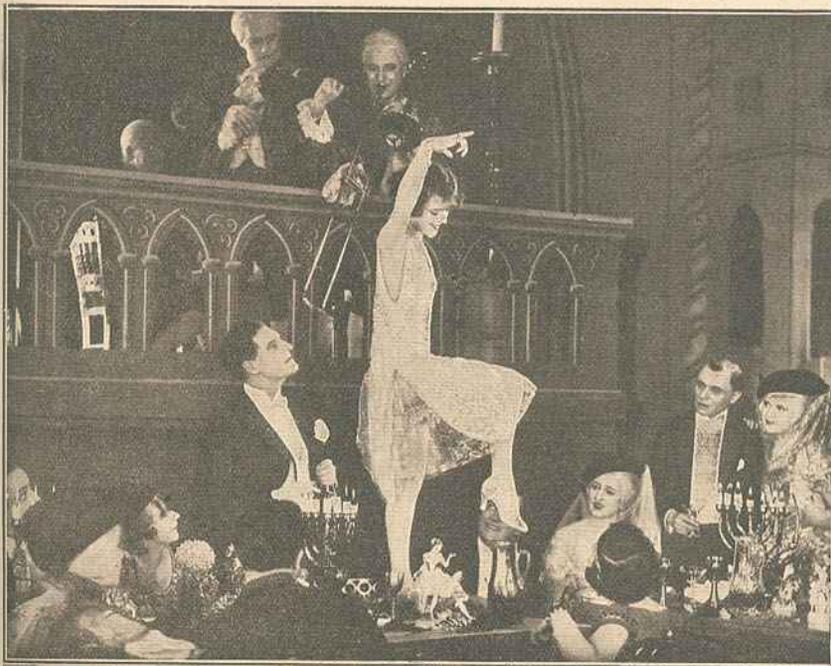
E sem notar a aflição de Paulo, chama novamente a filha, beija-a risonhamente e deixa-a só com Paulo dizendo:

— Dá-lhe tu... a tua resposta!... Eu, por mim, consinto!

Lúlú e o espantado rapaz ficam numa situação allitiva mas quando Gilberta e o barão voltam, já as aflições deram lugar a efusões... e beijos!...

num jantar, loucamente, excedeu as marcas dançando o charleston em cima da mesa e no dia seguinte Gilberta surpreende-a a telefonar ao sportman Varigny propondo-lhe uma ceia no Maxim's, em gabinete reservado, ao tempo em que Paulo telefona a uma linda divorciada, Madame Argueil, convidando-a também para uma ceia em *l'été-à-tête*.

Gilberta envia seu marido ao Maxim's com ordem de se sentar à mesa de Lúlú e Varigny e ela própria vai impedir Paulo de se avistar com a divorciada. Mas, pela fatalidade mais absurda, Gilberta ceia com o genro e bebe champagne. Sabe então que é Paulo o homem do fauteuil 47 e este sabe que sua sogra estava quasi a ceder-lhe quando o barão se sentou na cadeira que lhe não pertencia... Quando a situação vai agravar-se, aparece o barão com Lúlú, esta toda despen-teada e com o vestido roto, pois teve de sustentar luta com Varigny para se conservar honesta. Então os jovens esposos confessam mutuamente os seus erros e lançam-se nos braços um do outro. Gilberta retira-se, com o barão, convencida de que, na verdade, não há sonhos possíveis ante a mocidade...



A loucura passara a mais e num jantar esplendorese...

Este primoroso filme, baseado na obra de Luís Vermeuil, que Lisboa aplaude diariamente na Trindade, foi encenado por Gaston Ravel, um mestre da cinematografia francesa e quiçá um dos mais delicados encenadores europeus. Os papéis de Paulo e Lúlú que em Lisboa foram distribuídos, respectivamente, a Erico Braga e Irene Isidro, cabem na versão cinematográfica a André Roane e a Dolly Davis, a encantadora ingénua e primorosa fantasma que pode colocar-se ao lado das mais célebres vedetas americanas do género.

# F E M I N I N A



Casaco estofado com motivos egípcios

PLENO inverno e ainda, pode, dizer-se, com calor, com sol! É a plena falência do infalível Borda de Agua. Não importa! As senhoras usam as modas de inverno a despeito de tudo e tem razão e, a avaliar pelos modêlos que inserimos, tem também bom gosto.



Chapéu em feltro castanho e bege de Lewis

(Foto G. L. Manuel Frères)



NA OVAL: Um delicioso modêlo em veludo lavado e peles, criação sensacional de Paris

A' ESQUERDA: Um formosíssimo chapéu em feltro negro e setim igualmente negro, criado por Camille Roger e de absoluta novidade

A' DIREITA: Criação de Marjorie Lou. Vestido em musselina de seda negra e strass, usado por Mademoiselle Albe

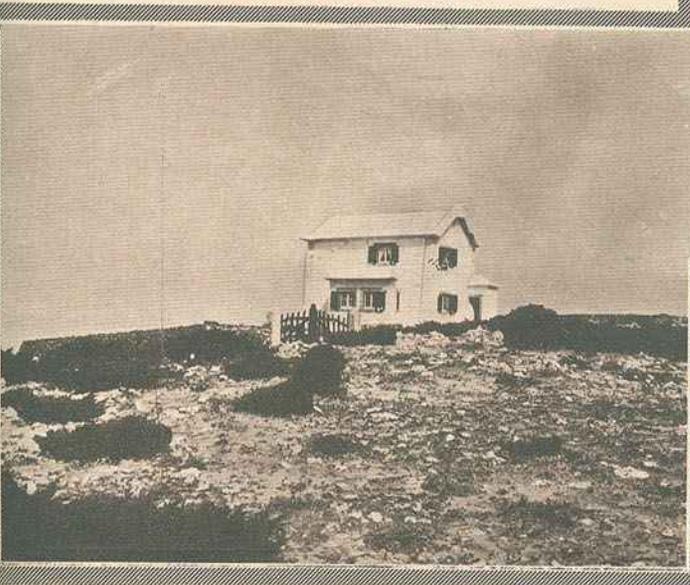
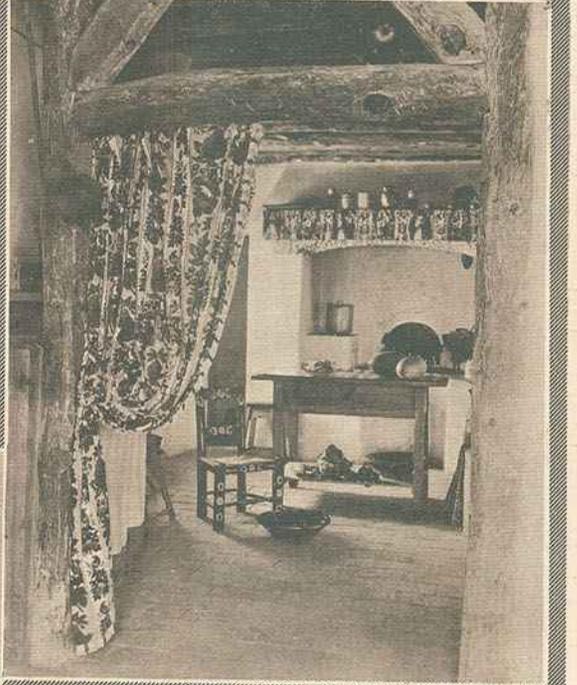
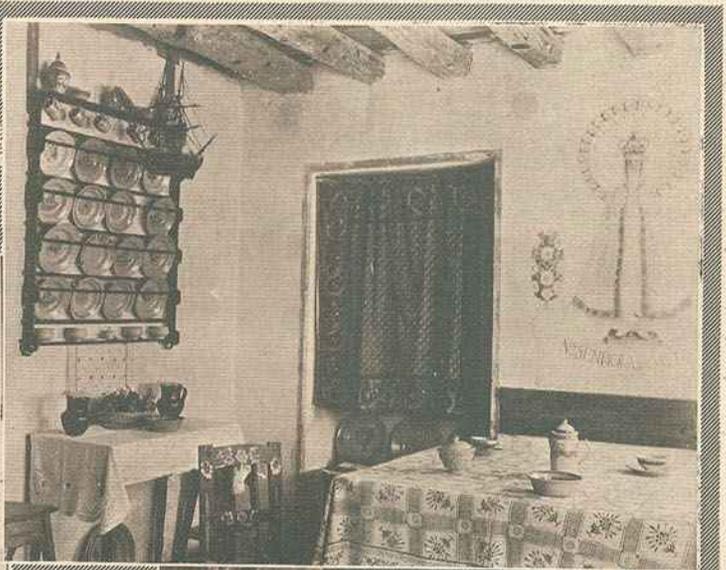
(Fotos Manuel Frères)



(Foto Manuel Frères)

# A CASA PORTUGUESA

## CASA DO MARCO (AZENHAS DO MAR)



CASA PARA O VERÃO, PARA «WEEK-END», DELICIOSAMENTE RÚSTICA; EM BAIXO, UMA SÓ DIVISÃO MAIOR, ONDE SE ESTÁ DURANTE AS HORAS DE CALÔR, ONDE SE FAZ SERÃO E ONDE — NUM RECANTO — SE COSINHA. EM CIMA, APENAS DOIS QUARTOS, E O RESTO DOS CÔMODO INDISPENSÁVEIS ALOJAM-SE NOS ANEXOS. NOSSA SENHORA DA SAUDE, PINTADA EM ESTILO DE PESCADORES, É A PADROEIRA DESTA CASA QUE, COM SEUS TAÍPAIS ALARANJADOS E RODEADA DE ZIMBRO, DESPERTA, PELO ISOLAMENTO EM QUE ESTÁ, A CURIOSIDADE DE QUEM PASSA

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM

ILUSTRAÇÃO



PASTORA—COUTO DE ESTEVES—SEVER DO VOUGA

(Cliché de José M. Coutinho)

# CAROLINA CORONADO

*Dicen que tienes trece primaveras  
Y eres portento de hermosura ya,  
Y que en tus grandes ojos reverbera  
La lumbre de los astros, imortal.*

*Juro á tus plantas, que insensato he sido,  
De placer en placer corriendo en pos,  
Cuando en el mismo valle hemos nacido,  
Niña gentil para adorarnos dos...*

*Torrentes brota de armonia el alma,  
Huyamos á los bosques a cantar,  
Denos la sombra tu inocente palma  
Y reposo tu virgen soledad...*

Assim saúdava o grande Espronceda uma menina, uma criança cujos versos a Espanha escutava embevecida e orgulhosa.

Pulquérrimo conjunto de graças! Era formosa de corpo, aprimorada de espírito, amorosa de coração.

Pela mesma época em que o glorioso autor do *Diablo-Mundo* a cantava entusiasmado pela sua ode *A la palma*, escrevia a jovem poetisa a uma sua amiga estes ingénuos versos, reveladores dos dulcíssimos segredos com que a embalava e prendia para sempre a Musa sedutora.

Os versos dizem assim :

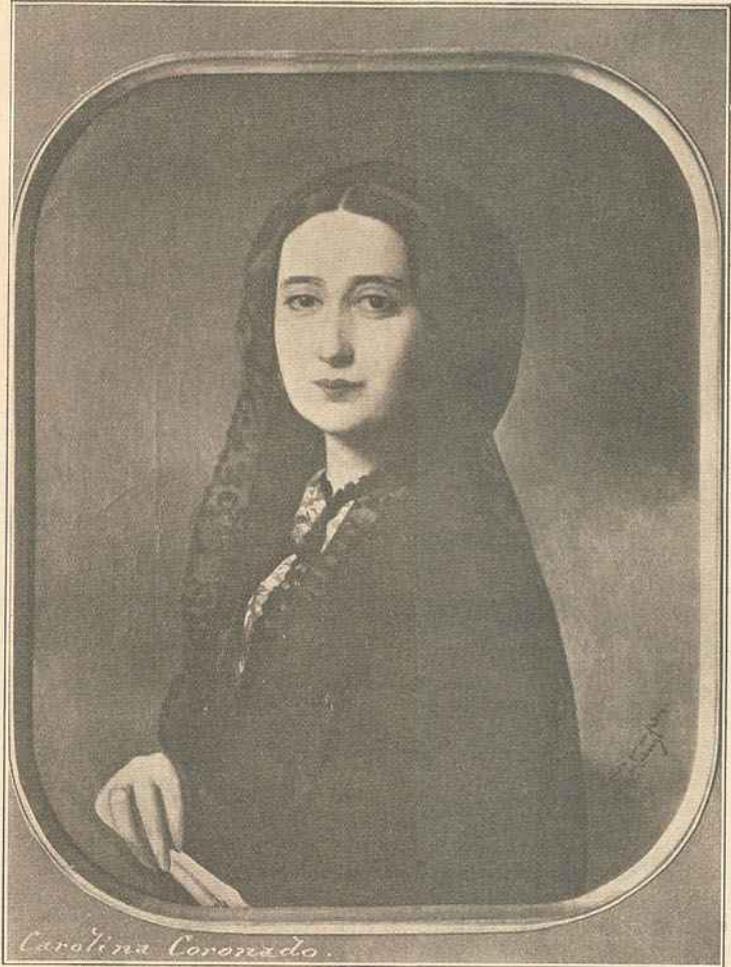
*— Yo me siento violenta y comprimida  
Como el niño que hablar quiere y no sabe...  
Una cosa en mi alma está escondida...  
Vivo abrumada por su peso grave...*

*Un concerto suave  
Escucho en mi sentidos  
Cual si dentro de mi hubiera sonidos...*

Vê-se que a poesia brotava espontânea, fresca e pura da alma da poetisa, tal como nasce no seio da terra um veio de água cristalina, que rebenta e corre naturalmente, refrescando sem saber que refresca, aformoseando sem cuidar que embeleza, espelhando os raios do sol sem imaginar que os reflecte, murmurando sem se aperceber que canta...

Fôra todavia triste a infância de Carolina Coronado.

O pai, perseguido como liberal, chegou a estar algum tempo preso, o que muito afectou o coração sensível da filha. Uma vez livre abandonou a casa solarenga de Almedralejo, para se refugiar com a família em Badajoz, onde Carolina viveu parte da infância e os primeiros anos da mocidade. Ali escreveu *El amor de los amores*, poema encantador que lhe grangeou tal reputação que para logo apoucou as das escritoras da Côte, podendo apenas rivalizar com ela essa outra extraordinária poetisa, Gertrudes de Avellaneda. Esta, porém, como disse um seu contemporâneo, era mais um poeta do que uma poetisa. Nascida na ilha de Cuba, embalada



Retrato de Carolina Coronado, obra do excelso pintor espanhol D. Francisco de Madrazo

pela música forte e plangente do Atlântico, a sua poesia possui o vigor, a violência, o mistério do Oceano, enquanto os versos de Carolina tecem a frescura, a suavidade, a transparência dum lago reflectindo estrelas...

A poesia duma é a força, a da outra a graça. A Avellaneda se pintasse seria Ruben; Coronado, Fra Angélico.

A jóven poetisa depois de ter percorrido a Inglaterra, a França, a Suíça, e demorado algum tempo em Cadiz, em 1843, partiu com os pais para Madrid, que a soube receber e festejar com justificado ardor.

Em 1852 casou, por amor, com o moço secretário da Legação dos Estados Unidos, Horácio Justo Perry. Dêste casamento nasceram três filhos Maria Carolina, que faleceu em Madrid em 1873, Carlos Horácio, falecido em 1854, e Matilde, a lindíssima Matilde, anjo no corpo e no espírito, que por tempos veiu a casar com D. Pedro Maria Torres

Cabrera, gentilíssimo fidalgo, tão nobre de coração como de raça, que, já viuvo, morreu haverá dois anos.

Matilde foi também poetisa de merecimento.

A morte da filha Maria Carolina, encantadora menina de quinze anos, por tal modo feriu o terno coração da poetisa que, não querendo ou não podendo continuar a viver na terra onde perdera o seu tesouro, passou para Portugal com todos os seus e aqui veiu a falecer no velho palácio da Mitra, ao Poço do Bispo, em 1911.

Em Fevereiro de 1891 perdera o esposo estremecido. A sua alma ardente, de apaixonada (como outrora Joana, a louca) não quiz separar-se dos restos do muito amado. Alcançadas as devidas licenças foi a capela do Palácio da Mitra transformada em pantheon. O corpo de Horácio Perry, encerrado em riquíssimo sarcófago, ali foi depositado, até



O gabinete de trabalho onde a poetisa escreveu as suas mais belas obras literárias

que a mulher se lhe foi reunir. Foram então os corpos trasladados para Espanha, que honrosamente recebeu os restos mortais daquela que a glorificara.

Escreveu Carolina Coronado em verso e em prosa. Dos romances que dela li, apenas gostei de *Jarilla*, obra delicada e suave, repassada de poesia. Além desta novela escreveu: *Paquita* — *Dos muertos en media vida* — *La rueda de la desgracia* — *La sigéa* — (curioso romance, pelo que fala de Portugal) — *Sira*, etc.

Escreveu também para o teatro, mas, conforme parece, com menos engenho.

Embora tivesse deixado Espanha, pungida na alma por uma dor suprema, nunca esqueceu a Pátria.

Entre os papeis que deixou encontrou-se esta quadra impregnada daquêle

— *Delicioso pungir de acerbo espinho...  
Paixão que os seios d'alma dilacera.*

que enleia e perfuma um coração. A quadra diz assim:

— *Oh! mi España! oh mi patria! oh templo  
augusto;*

*De piedad y de honor! oh! pura gloria!  
A quien le riende su holocausto justo  
De admiracion y de virtud la Historia!*

Se a figura intelectual desta mulher notável prende o meu espírito, grandemente me prende o coração a sua figura moral. Foi uma verdadeira *crístã*, boa, caridosa, cheia daquela energia que *vem de cima*. Significativo é o facto seguinte, da caridade crístã de Carolina:

Quando da revolução de 72 soube uma noite que nas covas de Atocha estava mal ferido, um dos comprometidos, em risco de ser apanhado pelos contrários. A poetisa então não hesita, manda pôr uma carruagem e, acompanhada por uma pessoa de confiança, corre e salva o desgraçado que nunca soube a quem ficou devendo a vida.

Amiga da Rainha Isabel segunda, que muito lhe admirava o peregrino talento, consagrando-lhe carinhosa amizade, amizade de que a poetisa nunca se utilizou senão para pedir e obter o perdão de muitos condenados, vindo aqui a talhe de foice o seguinte caso:

Um cadete da Academia Militar de Toledo, numa ceia com outros rapazes, queimou o retrato da Rainha. Denunciado, foi preso, julgado em conselho de guerra e condenado à morte. Carolina Coronado corre ao Palácio, é como sempre recebida, expõe chorando o fim da sua visita e entre a Rainha e a poetisa trava-se então este interessante diálogo.

Diz a magnânima Rainha à amiga suplicante:

— Pobrecito! Pobrecito! Perdonado, desde luego perdonado!

— Señora, ha cometido un grave delito, ha quemado el retrato de V. Majestad...

— Y por eso le van á matar? Hiso muy bien, porque estaria tan feo como todos!...

O rapaz foi salvo e chegou a ocupar um alto posto no exército.

Nos papeis da poetisa conserva-se ainda a carta, ardente de gratidão, do pai dêste manco.

Contarei ainda, para terminar, este outro rasgo da alma generosa desta talentosa poetisa e grande senhora.

Quando Alexandre Dumas viajava em Es-

panha, chegou a Madrid em tão crítica situação que nem dinheiro tinha para a hospedagem. Sabendo-o os esposos Perry, pela forma mais delicada e gentil ofereceram-lhe hospitalidade na sua quinta das Rosas. Não satisfeitos ainda, ao saberem também que o escritor francês mandara tingir uma bata e que o tintureiro se negava a entregá-la sem dinheiro, chamaram-no, pagaram-lhe e fizeram-no ir entregar a bata, pedir mil desculpas e declarar que nada receberia, bastando-lhe por paga a honra de ter trabalhado para o insigne escritor que tanto admirava.

Dumas, satisfeitíssimo por se ver conhecido e respeitado em terras de Espanha, regressou a Paris contando entusiasmado a gentileza do tintureiro.

O grande Castelar tinha pela Coronado a maior admiração e dos seus *Estudios literarios* transcrevo um pedacinho do artigo que lhe consagrou:

— Qual será a poetisa mais perfeita? A que saiba conservar as suas qualidades de mulher? Pois bem, esta poetisa vive entre nós, chama-se Carolina Coronado!

Não conheço poetisa que se lhe avanteje



A capela onde repousou, por vontade de Carolina Coronado, o corpo de seu marido

no conhecimento da natureza das paixões nem na delicadeza do sentimento.

E acabo estes singelos dizeres repetindo com Luiz R. Varo:

— *Porque acaban su vida... quien concibe  
Que muera para el mundo su memoria?  
Ella murio; pero el poeta vive  
Y es eterno el reinado de su gloria!...*

MARIA DO CARMO PEIXOTO.

Outubro 1927.

# A MÚSICA NO PAÍS DO DÓLLAR

Tem-se dito e repetido que a América do Norte é a pátria do Jazz. Mas é a América o país que melhor paga as celebridades líricas, os concertistas, os *virtuosos* do violino, do piano, do violoncelo.

Para a América emigraram Maria Barrientos, Galli-Curci e Ippolito Lazzaro, Tita Ruffo, Bonci, Genatello, Maria Gay, não falando do divino Caruso que a adoptou como sua segunda pátria.

Graunados, após o êxito das *Goyescas*, seguiu para New York a cumprir um contrato fabuloso. Quiz a desventura que êle tomasse passagem, com a mulher e os filhos, a bordo do «Titanica»...

Mascagni, como não podia deixar de ser, foi contratado várias vezes para ir aos Estados Unidos. A sua primeira *tournee* oferecia a novidade de reger em pessoa as suas óperas. Mas os new-yorkinos não tiveram dessa feita o prazer de aclamar o célebre maestro compositor. O director da Metropolitan teimava em que Mascagni se apresentasse ao público regendo a «Cavalleria». O maestro insistia pela «Iris». O empresário não cedeu e Mascagni muito menos.

De partidas entre empresários norte-ame-

ricanos e celebridades europeias, a melhor foi a sucedida com Gabriele D'Annunzio. Convidaram o altíssimo poeta a realizar em New York uma série de conferências. *Cachets* de milionários, hospedagem em hotéis de luxo. Resposta de D'Annunzio: «Não atravesso o Oceano por um maço de cigarros».

Mas a verdade é que os americanos pagam régiamente os consagrados das capitais europeias.

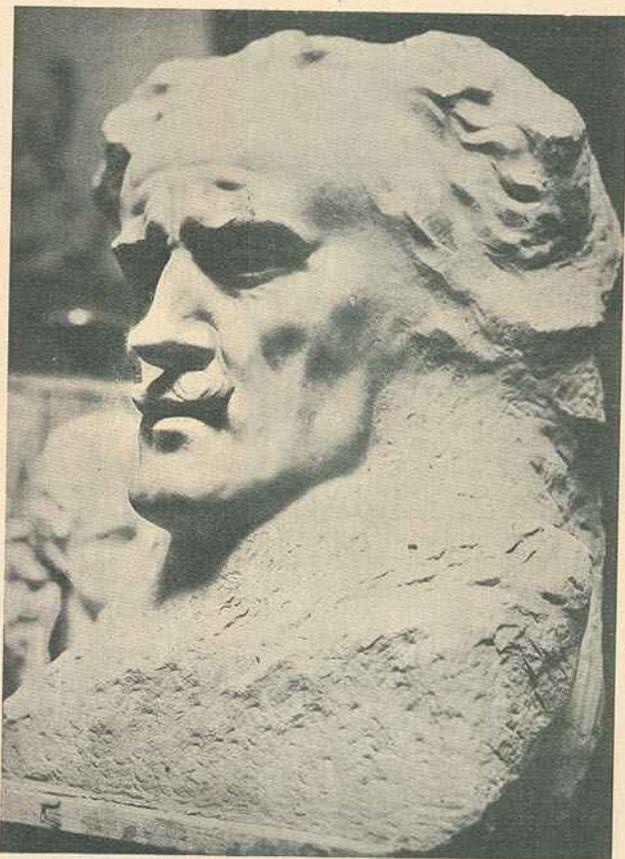
\*  
Arturo Toscanini, o famoso regente

do Scala de Milão, tem ido freqüentes vezes à América. A sua última e recente *tournee*

rendeu-lhe a linda soma de sessenta mil dollars. Eis o preço da regência de quarenta

concertos. Não se imagine, entretanto, que esta soma represente um *record*, nem tão pouco uma recompensa invulgar. As celebridades musicais nos Estados Unidos são pagas a peso de ouro.

O cinema, sabe-tôda a gente, tem sido um Eldorado. Os vencimentos que percebe cada estrela do *écran* são divulgados em tôdas as revistas, em todos os réclamos de filmes. Em qualquer recanto do Universo se saberá quanto ganha Mary Pickford, Charlot ou Harold Lloyd. O réclamo estenden o seu largo cartaz sobre os estúdios das cidades do cinema. Talvez devendo a isso, em grande parte, exerce o cinema o seu impé-



Um busto de Onorio Mustole, fixando a expressão característica de Toscanini, quando rege a sua orquestra.



O célebre maestro Arturo Toscanini, com sua esposa e sua filha Wally, ao desembarcar em New-York.

rio. Os salários, como as particularidades íntimas de cada artista, são divulgados em tôdas as suas minúcias, até ao exagero, concordemos...

...E como não se fala na América de outras artes, com tamanha exuberância, depreende-se que é apenas no cinema que se fazem fortunas. Mas não é assim. As celebridades musicais ganham também admiravelmente. E os seus contratos excedem muitas vezes, os dos favoritos do *écran*. Apenas os músicos e os artistas líricos não fazem tanto alarde...

Poucos artistas da scena muda haverá, por exemplo, que ganhem tanto como Leopold Stockowski, o regente da Philadelphia Symphony Orchestra, que assinou um contrato por nove anos à razão de setenta mil dollars.

Walter Damvroschi, que pertencem à New York Symphony Orchestra, recebe agora cinquenta mil dollars anuais na National Broadcasting Company.

A cantora do Metropolitan, Rosa Ponselle, —soube-se há pouco tempo por causa de uma demanda entre ela e o seu *manager* e professor— já ganhava em 1923, trinta mil dollars anuais. Calcule-se a quanto montarão os seus vencimentos hoje em dia.

A época que passa, no dizer de um crítico yankee, é a idade de ouro da música.

O exemplo de Toscanini... O célebre maestro ganhará vinte e cinco dollars por cada compasso que marcar com a batuta...

Um paciente investigador revelou que Marion Talley realiza em cada concerto uma soma nunca inferior a três mil dollars. Des-

contando-se a percentagem que cabe ao *manager*, Marion Talley ganha de trinta e cinco a quarenta dollars cada minuto que canta.

*Benjaminio Gigli*, tido por muitos como o sucessor de Caruso, pelo aveludado timbre da sua voz e pela espontaneidade de emissão, pertence agora ao elenco do Metropolitan. Uma séria afeição de carácter artrítico ia-lhe, há anos passados, roubando o seu tesouro. Foi em 1921, no Rio de Janeiro. Gigli cantava no Municipal com Rosa Raisa e Segura-Tallien; uma grande companhia lírica que tinha como regentes Gino Marinuzzi e Paolantonio. Logo após a estreia, acometeu-o uma rouquidão persistente e de má natureza. Gigli andou de especialista em especialista, sem conseguir melhora alguma. E os dias passaram e a temporada estava a findar. O famoso tenor perdera a alegria. Um facultativo brasileiro pôde enfim fazer-lhe um diagnóstico seguro e levar-lhe, em poucos dias, a cura. Anunciou-se a reaparição de Gigli, no «Enzo» de «Gioconda». O Municipal encheu-se. Grande expectativa. Logo no primeiro acto da ópera, a suavíssima voz de Gigli ressoou na sua inegalável pureza. O tenor estava salvo. Houve na empertigada sala do Municipal um contentamento tão grande que muita gente chorou de alegria intensa.

Gigli sentiu-se renascer e —êlé o confessor— foi a hora mais feliz da sua vida. As manifestações do público no final da ópera e a comoção do artista não se descrevem.

Dá a duas noites Gigli cantava «Lohengrin», como ainda se não ouvira. Acrescente-se ao êxito do grande artista a simpatia pessoal que êle despertava (Gigli tornara-se tão popular, querido e estremeado como Mascagni, Titta Ruffo, Genarello ou Caruso) e ter-se-há uma ideia do delírio em que vibrou o público carioca nessa noite memorável.

A celebridade de Benjaminio Gigli parte daí. Depois, em Itália, recebeu a consagração máxima, entre os maiores tenores de todos os tem-



Jascha Heifetz gosta muito mais de dar à manivela do que tocar violino, se é que isto é possível... Heifetz, quando em *tournee*, não se esquece de fazer filme. Tem uma vasta e preciosa colecção



Maria Jeritza visitando uma creche

pos. Espírito generoso, o artista não se recusou a tomar parte em festas de caridade. O seu nome nos programas fez com que uma pequena série de concertos produzisse a soma de um milhão de libras. Mussolini não deixou passar em branco o gesto cavalheiresco do artista, e agradeceu-o.

Na América, a sua boa estrêla não o abandona. Gigli é o ídolo das multidões e pago nababescamente.

Dá-se, na América do Norte, uma grande importância a actos de filantropia, o que explica os salários elevadíssimos de alguns artistas. Harry Harkness Flagler pagou, de uma vez, os *déficits* da New York Symphony Orchestra, que durante anos não produzia dividendos. Essas dívidas ascendiam a dois milhões de dollars.

A Metropolitan Opera House, não obstante a sua reputação, como sendo talvez o maior teatro lírico do mundo, mantém-se à custa dos grandes subsídios que auctere.

Por outro lado, a cotação de um artista, à parte o seu valor sempre devidamente reconhecido, sobe na razão directa dos serviços que presta às instituições de caridade.

Na ultima temporada, Marion Talley organizou um concerto em beneficio de um joven cantor do Missouri, que produziu a soma de onze mil e quinhentos dollars.

John Mc. Cormack — que pretende abandonar a carreira no dia em que completar



Lucrecia Bori, a famosa cantora do Metropolitan Ópera, cantando obsequiosamente para John Gilbert, galã do filme e King Vidor realizador notável.

jornal new-yorkino, rebateu essas opiniões que ela considera fóra de propósito:

«Não responsabilizem o rádio pela ausência de novas operas! E o público que frequenta os teatros líricos e os salões de concertos, continuará a ir, sempre que lhe dêem bons espectáculos.

É certo que as companhias emissoras aumentam constantemente os seus elencos com novos cantores e instrumentistas. Mas não tem havido defecções entre os que se dedicam exclusivamente à opera, seja em New-York, seja em Viena».

A vida do artista lírico, do concertista, difere muito da do actor dramático, quasi sempre preso ao seu teatro, mesmo da do actor de cinema, localizado no seu *studio* por longos anos, embora periodicamente se transporte a outras terras para a filmagem dos exteriores.

O concertista e o artista lírico trilham a superfície da terra em todas as direcções, em caminho de ferro, a bordo dos paquetes, em aeroplanos.

Yascha Heifetz (que o público de Lisboa já conhece), safu de New-York em Outubro do ano passado para a sua volta ao mundo, e só agora regressa ao ponto de partida, tendo percorrido vinte e oito cidades da America, e as capitais de quasi todos os países.

Michael Bohnen, o baritono da Metropolitan Opera House, bateu um curioso *record*: Cantou quatro operas, durante cinco dias, em três cidades diferentes, sendo que entre duas delas se estende a distancia que sepára Paris de Berlim.

Ernestine Schumann-Heink, que tem hoje cincoenta anos de idade, é cantora de opera desde os dezaseis. Fez numerosissimas *tournees* para adquirir o nome que hoje disputa.

Marion Talley e Mary Lewis julgam, entretanto, que não é preciso tanto tempo para se conquistar a celebridade. E quando tivessem alguma dúvida, lá estavam os aplausos do público, por demais convincentes...

Parecendo que não, a «arte muda» como é uso chamar-se ao cinema) protege materialmente os artistas líricos e musicais.

Não nos referimos apenas ao processo, hoje em dia adoptado, de fazer um prólogo musical e lírico a qualquer filme, nem o acompanhamento de quaisquer scenas por artistas do canto, orfeons ou orquestras sinfónicas. Referimo-nos propriamente ao lugar que os artistas musicais têm dentro dos studios. Em todas as grandes manufacturas americanas há esplendidas orquestras e maravilhosos solistas que são utilizados durante a filmagem de algumas scenas para que, com a execução vocal ou instrumental de passagens musicais adequadas *estabeleçam o ambiente* ao artista, ao seu jôgo fisionómico, à sua sensibilidade, para que ele possa mais facilmente *viver* as scenas truncadas da sua criação mimica. Estes músicos e cantores dos studios, ganham também grandes somas, em nada inferiores às dos artistas cinematográficos.

cincoenta anos — tem-se dedicado frequentemente a obras de beneficencia.

Mary Garden, para a construção de um hospital veterinario, não teve reboço em tomar parte num concerto que rendeu, graças ao seu nome, a quantia de quatro mil dólares.

Não há hoje cantinho na America onde se não encontre um receptor de telefonia sem fios. O rádio avança, propaga-se, assustadoramente para alguns...

Há empresários de teatros líricos, directores de orquestras, positivamente alarmados. «Tendem as receitas a diminuir», dizem eles. Em compensação, outros há, perfeitamente tranquilos quanto ao futuro que antevêm.

Walter Damrosch, que dirigia a sua orquestra, a «New-York Symphony», para milhares de pessoas e que, presentemente, em «National Broadcasting Company», tem um

público que se pode calcular em milhões de almas, disse o seguinte a um jornalista yankee:

«Não há motivo para receios. O rádio não desbancará o teatro lírico nem o salão de concertos. O salão de concertos é, evidentemente, o melhor recinto para se ouvir musica clássica. Pena é que o maior salão de Nova York não comporte senão cincoenta mil pessoas».

Fritz Kreisler, o célebre violinista, tem opinião contrária. Ele pensa, como William Bossey, o *manager* do Queen's Hall de Londres, que a difusão do rádio porá um fim aos concertos em salões apropriados.

Bossey declarou, até recentemente, que enquanto se não estudar uma medida qualquer que proteja os empresários contra a propagação dos «Wireless», a sua firma, Chappell & C., deixará de efectuar os famosos concertos do Queen's Hall.

Os artistas líricos começam também a sentir-se prejudicados. Mas a cantora Marie Yeritza, numa entrevista recente para um

(Anglo American N. S. Copyright.)  
(Fotos da Anglo-American Newspaper Service Ltd.)



# ATLANTIDA

## ROMANCE

de PIERRE BENOIT  
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do Magazine L'Éclair e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

primível, curvei a cabeça. Lembrei-me dos meus colegas que em França, àquela hora, iam para casa, e encontravam, dispostos sobre o leito, o uniforme com alamares e dragogas brilhantes com que haviam de ir para os saraus.

— Amanhã vou pedir uma troca — disse eu para mim mesmo.

A escada de terra batida estava escura de todo; mas havia uma claridade baça na secretária quando nela entrei. Sentado à minha secretária, de costas para mim, estava um homem tão entregue aos exames dos registos da ordem que nem me sentiu.

— Ora muito bem, Gourrut, muitíssimo bem. Não te incomodes, meu rapaz! Faze de conta que estás em tua casa!

O homem pôs-se em pé. Era alto, esbelto, pálido.

— É o tenente Ferrières, não é verdade? Adiantou-se e estendeu-me a mão.

— Capitão de Santo-Avito. Muito prazer, meu caro camarada.

Nesta altura, Châtelain apareceu à porta.

— Quartel-mestre — disse-lhe secamente o recém-chegado — não tenho elogios a dar-lhe pelo pouco que já tive ocasião de ver. Não

a habitual alegria. E desde então, entre os oficiais que se encontram em Sfax, foge-se, como da peste, de todos os assuntos que poderiam levar a conversação a ocupar-se do capitão de Santo-Avito.

\* \* \*

Châtelain falara em voz tão baixa que nenhum dos habitantes do oásis podia ter ouvido a estranha narrativa. Havia uma hora que tínhamos dado o último tiro. As rôlas tranqüilizadas, tornavam a gemer em volta do charco. Debaixo das palmeiras sombrias, voavam pássaros extravagantes. Um vento menos quente baloçava as mornias palmas. Tínhamos tirado os capacetes para que as nossas frentes recebessem a carícia daquela brisa escassa.

— Châtelain, — disse eu são horas de recolher ao bordj.

Lentamente apanhamos as rôlas mortas.

Eu sentia pesar sobre mim o olhar do quartel-mestre, e nêsse olhar uma censura, e como arrependimento de ter falado. E durante todo o tempo que levámos a voltar ao pôsto, não encontrei uma palavra para romper aquele triste silêncio. O sol tinha desaparecido por detrás das dunas que se recortavam ao poente, no céu róxo escuro. Era quasi noite quando chegámos. Ainda se via, pendente contra a haste, a bandeira arvorada no alto do pôsto, mas já se lhe não distinguiam as côres.

Mal entrámos a porta do forte, Châtelain largou-me, dizendo que ia ver as cavalariças. Caminhei para o lado onde está a residência dos europeus, e depósito de munições, e ao pêso duma tristeza inex-

Trocámos algumas palavras; eu devia ter um ar muito comprometido, porque logo percebi que êle tinha adivinhado. Arranjou um pretexto, deixou o capitão, e trouxe-me para a pôpa, para o pé da roda grande do léme. Não sei que lhe disse. Entaramelei quanto havia de lhe dizer. Êle não olhava para mim. Encostado à gradaria deixava o olhar perder-se ao longe, e sorria. De repente, quando me vii de todo atrapalhado, fixou-me friamente, e disse-me:

— Agradeço-lhe, meu querido camarada, tamanho incomodo. Não era preciso. Estou cansado e não fazia tenção de desembarcar. Ao menos ficarei com o prazer de o ter conhecido. E já que não posso gozar a sua hospitalidade, faça-me o favor de aceitar a minha, enquanto a chalupa estiver atracada ao vapor.

Voltamos para a sala de fumo. Bebemos cock-tails, que êle mesmo preparou. Conversamos, falámos de comuns amigos. Nunca poderei esquecer aquêle semblante, aquêles olhos irônicos e longínquos, aquela voz triste e serena. Ah! meu coronel, meus senhores, ignoro o que se diz dêle no Serviço Geográfico ou nos postos do Sudão... Mas só pode haver nisto um horrível equívoco. Um tal homem, acusado de tal crime, creiam, não é possível.»

— E aqui está, meu tenente — concluiu Châtelain, depois de uma pausa. Nunca vi mesa mais triste. Os oficiais enguliram à pressa o almôço, calados, com uma impressão de mal-estar que nenhum tentava combater. E naquele silêncio deitavam constantemente os olhos de soslaio, para o «Cidade de Nápoles» que além dançava com a brisa, a uma légua de terra.

Ainda lá estava êle à tarde, quando se tornaram a reunir para o jantar. Só quando o apito da sercia, seguidos de novêlos de fumo que saíam da chaminé vermelha e preta, anunciou a partida do vapor para Gabes, é que a conversação recomeçou, mas sem



há uma sela de camelos a que não faltem fivelas. E as espingardas dão a impressão de que em Hassi-Inifiel chove trezentos dias por ano. E onde esteve o quartel-mestre tôda a tarde? Há quatro francezes neste pòsto, e quando cheguei, encontrei apenas um *joyeux*, a beber aguardente. Tudo isto vai mudar não é assim? Pode sair.

— Meu capitão, — disse eu, com voz branda, enquanto Châtelain assombrado fazia continência — desejo dizer-lhe que o quartel-mestre andava comigo, e que eu é que sou responsável pela sua ausência do pòsto, que êle é um militar irrepreensível, e que se tivéssemos sido prevenidos da sua chegada...

— Decerto — disse êle com um sorriso fino e irónico. — Por isso não tenho tenção de o tornar a êle responsável pelas negligências que são da conta do tenente. Não é êle que tem obrigação de saber que o oficial que abandona por duas horas que seja um pòsto como Hassi-Inifiel, corre o risco de não encontrar grande coisa quando voltar. Os saltadores Chaambas, meu caro camarada, gostam muito de armas de fogo, e para se apoderarem das sessentas espingardas, que aqui existem, creio não fariam cerimonia nenhuma em aproveitar a ausência de um oficial, cuja distincção eu aliás conheço, mesmo com perigo de o levarem a um conselho de guerra. Mas venha daí comigo. Vamos completar a inspecção que eu há pouco só pude fazer muito sumariamente.

Já ia na escada ao terminar. Fui atrás d'êles sem responder. Châtelain seguia-me e ouvi-o murmurar com um mau humor fácil de calcular:

— Sim senhor! Isto vai ser bonito.

## CAPITULO II

### O CAPITÃO DE SANTO-AVITO

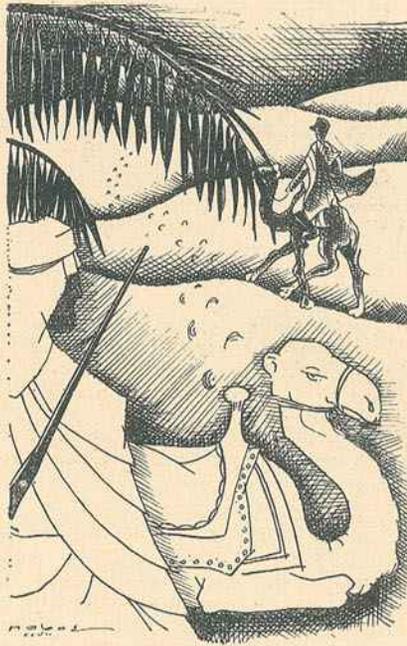
Em poucos dias nos convencemos de que o recceio de Châtelain, quanto às exigências do novo chefe, não tinha fundamento. Muitas vezes me lembrou que Santo-Avito, com aquella rudeza de entrada, tinha apenas tido o intento de se nos impôr, de nos provar que andava de cabeça alta sem embargo do peso do seu passado...

Certo é que no dia seguinte se mostrou muito diferente, e até chegou a elogiar o quartel-mestre pela apresentação do posto e instrução das praças. Comigo foi amabilíssimo:

— Somos da mesma promoção, não é verdade? — me disse êle. — Não é preciso que eu te autorize a tratar-me por tu. É praxe tradicional.

Vãos sinais de confiança! Provas falsas de liberdade de pensar de um para com outro.

Há, porventura, coisa mais acessí-



vel por todos os lados, que o Sahará imenso, aberto a quantos pudarem lá ir e lá ficar? E há coisa mais cerrada do que êle? Ao cabo de seis meses em comum, como de estágio nos postos do Sul, não sei se o mais extraordinário da minha aventura era partir eu amanhã, para as solidões insondadas, com um homem cujo verdadeiro pensamento me é, decerto, tão inteiramente desconhecido como essas solidões, que êle conseguiu fazer-me desejar com ardor.

As bagagens que aquele homem singular trouxe consigo foram a primeira coisa que nêle me surpreendeu.

Quando chegou sósinho, de Ouargla, trouxe no dromedário de raça que montava, apenas o que sem desdouro pode transpôr tanto susceptível animal: as suas armas, o sa-

bre e o revólver regulamentar, alguma roupa. Só quinze dias depois é que chegaram as outras coisas, pela coluna de abastecimento.

Os carregadores levaram, uma a uma, para o quarto do capitão três caixas enormes: e as suas caretas mostravam bem o peso que lhes achavam. Deixei discretamente Santo-Avito entregue às suas arrumações e fui ver o correio que a coluna trouxera. Pouco depois entrava êle na Secretaria e passava os olhos pelas revistas que me tinham chegado.

Demorou-se a examinar com mais atenção a «Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde in Berlin».

— É verdade, — esclareci — êstes senhores querem ter a bondade de se interessar pelos meus trabalhos sobre a geologia do Ded Mía e do alto Ignarghar.

— Isto pode servir-me — murmurou êle, continuando a folhear a revista.

— Está à tua disposição.

— Obrigado. Creio que não tenho nada para te dar em troca, a não ser Plínio, talvez... E êsse mesmo... Conheces com certeza tão bem como eu o que êle diz de Ignarghar, na esteira do rei Juba. Olha, vem ajudar-me a pôr tudo no seu lugar, e logo vê se encontras alguma coisa que te sirva.

Acceitei logo.

Começámos por desenrolar vários aparelhos de meteorologia e astronomia: termómetros Baudin, Salleron, Fastré, um aneroide, um barómetro Fortin, cronómetros, um sextante, um óculo astronómico, uma bússola com óculo... Todo o material que Duveyrier considera o mais simples e mais fácil de transportar em dorso de camelo.

A proporção que Santo-Avito me ia dando os instrumentos, ia-os eu colocando em cima da única mesa do quarto.

— Agora só faltam os livros — disse êle. — Vou-te dar. Vai-os pondo af num canto, até que me façam prateleiras.

Estive duas horas a ajudá-lo a armar rumas e rumas de livros. Que biblioteca! Nunca os postos do Sul viram outra assim! Entre as quatro paredes rebocadas daquele quarto de «bordj», estavam reunidos todos

os autores da antiguidade que tinham falado do Sahará sob qualquer aspecto: Herodoto e Plínio, já se sabe, e também Estrabão e Ptolomeu, Pompónio Mela e Amiano Marcelino. Mas a par destes nomes, que tranquilizavam um pouco a minha ignorância, apareciam Coripos, Eratóstenes, Fócio, Diodoro de Sicilia, Solino, Dião, Cássio, Isidoro de Sevilha, Martinho de Tiro, Ético, Atenu... Os «Scriptores Historiae Augusti», os Geographi latini mi-



nores», de Riese, as «Geographi graeci minores», de Karl Müller... Tive depois ocasião de familiarisar-me com os Agatarquides de Cos, e os Artemidores de Efeso, mas confesso que naquele instante a presença das suas dissertações nas malas de um capitão de cavalaria me causou certo desassossego.

E havia ainda a «Descriptione dell'Africa», de Leão, o Africano; as histórias árabes de Ibu-Khaldun, de El-Bekri, de Ibu-Batuta, de Mohammed El Tansi... No meio desta Babel só me recordo de ver dois volumes com nomes de sábios franceses contemporâneos. Eram as teses latinas de Berlioux e de Shirmer.

Enquanto eu ia equilibrando as rumas de tão diferentes formatos, ia pensando comigo, que, a quando da missão Morhange-Santo-Avito, estava encarregado mas era da parte científica da viagem. Para que vinham a ser todos aqueles livros? Muito tinha êle mudado em suas tendências, ou a memória me enganava estranhamente. O certo é que no meio daquela trapalhada não havia coisa que me fôsse útil. Parece que a minha cara deixava adivinhar o que eu sentia, porque êle disse-me, algum tanto desconfiado:

—Espanta-te a escôlha destes livros?

—Não posso dizer que me espante,—repliquei—pois não sei para que trabalho os trouxeste. O que posso afirmar, sem receio de ser desmentido, é que nunca houve nos postos árabes oficial que possuísse uma biblioteca em que tão bem representadas estivessem as humanidades.

Ele sorriu, esquivando-se a responder, e passámos a falar de outras coisas.

\* \* \*

Entre os livros de Santo-Avito tinha eu separado um volumoso caderno, com fecho de uma dura resistente. Várias vezes o surpreendi a escrever nêle. Se tinha de sair do quarto, fechava-o primeiro à chave, com o maior cuidado, num armário pequenino. Quando não estava a escrever, e o serviço não exigia a sua presença no posto, mandava selar o dromedário em que tinha vindo e, pouco depois, do terraço do forte, via-o eu desaparecer no horizonte, a passos largos, por detrás de uma prega de terreno avermelhado.

Estes passeios tornavam-se cada vez maiores. Santo-Avito voltava dêles tão estranhamente excitado, que durante as refeições, o tempo em que mais nos demorávamos juntos, passei a examiná-lo com inquietação crescente.

—Mau!—disse eu comigo, um dia em que as conversas dêle foram ainda mais extravagantes que de costume.—Não é agradável viajar a bordo de um submarino cujo comandante se entrega ao ópio. Que droga tomará êste?

No dia seguinte cuidei ser de minha obrigação fazer uma busca rigorosa nas gavetas do meu camarada. Fiquei descansado, pelo menos por então. «A não ser que êle traga as ampólas e a seringa na algibeira», pensei. Ainda eu julgava, neste tempo, que a imaginação de André precisava de estimulantes artificiais.

Uma observação meticolosa me esclareceu. Nada de suspeito. E André também nem sequer bêbia, e mal fumava!

Os progressos da febre eram, contudo, inquietadoramente evidentes.

Depois daquelas andadas, ficava sempre com os olhos mais brilhantes, mais pálido, expansivo e irritável.

Uma tarde, safu do posto pelas seis horas, passado o maior calor. Esperámo-lo tôda a noite. Eu estava com grande cuidado, tano mais que as caravanas, havia algum tempo, davam sinal de salteadores pelas imediações do posto.

Rompeu a aurora e êle sem aparecer. Quando chegou, era meio-dia. O dromedário, ao ajoelhar, cafu pesadamente. A primeira coisa que viu Santo-Avito foi o destacamento que eu tinha mandado preparar, e que estava no pátio, pronto a partir em procura dêle.

Compreendeu que tinha de desculpar-se, mas para isso esperou que estivessemos sózinhos ao almôço:

—Sinto profundamente o cuidado que lhe dei. Mas as dunas ao luar eram tão lindas... Deixei-me arrastar até muito longe...

—Não posso levar-to a mal. És livre, e és tu quem manda aqui. Hás de permitir, no entanto, que te eu lembre uma certa frase sobre os salteadores de Chaambas, e sobre os inconvenientes que pode haver em um comandante de posto se ausentar muito tempo.

Ele sorriu.

—Não desgosto de ver que os outros teem boa memória—respondeu simplesmente.

—Palat e Douls entre outros—respondeu eu—amaram-no desse modo. Mas êsses iam sózinhos, respondiam apenas pela própria vida, eram livres. Flatters levava consigo a responsabilidade de sessenta vidas. E tu não podes negar que êle é que foi o culpado da morte daqueles homens. Ainda eu não tinha acabado e já estava arrependido de tal frase. Ocorreu que entre os oficiais que estão em Sfax, se foge como da peste, de qualquer conversação que possa encaminhar o pensamento para certa missão Morhange-Santo-Avito.

Felizmente, reconheci que o meu camarada não me ouvia. Os seus olhos brilhantes estavam a olhar para outra parte.

—Qual foi o teu primeiro destacamento?—preguntou de repente.

—Auxonne.

Soltou um risinho sacudido.

—Auxonne. Costa-di-Ouro. Concelho de Dijon, seis mil habitantes, caminho de ferro P.—L.—M. Escola de pelotão, revistas. A mulher do chefe de divisão recebe à quinta-feira, e a do major, ao sábado. O primeiro domingo de folga vai-se a Paris e os outros a Dijon. Agora percebo porque falas assim de Flatters.

«Pois eu meu caro, o primeiro destacamento foi Boghar. Foi aí que numa manhã de Outubro eu desembarquei, alferes de vinte anos, do 1.º batalhão de África, com um galão branco na manga preta... «Tripas ao sol», como dizem os forçados das in-



Estava bem humorado, excelentemente humorado.

—Não repares nesta falta. Fui dar uma voltinha como de costume. Depois veio a lua. E reconheci então a paisagem. Foi por ali, vai fazer vinte e três anos em Novembro, que Flatters se pôs a caminho do seu destino, com uma delícia que a certeza de nunca mais voltar tornava mais acre e mais intensa.

—Que estado de espírito para um chefe de missão!—murmurei eu.

—Não digas mal de Flatters. Nenhum homem adorou o deserto como êle... até morrer desse amor.

signias dos seus graduados. Boghar! Dois dias antes, começára eu a ver terra de África da ponte do vapor. Coitados dos que, ao verem pela primeira vez aqueles esbranquiçados rochedos, não sentem o coração dar-lhes um salto, ao pensarem que esta terra se prolonga por milhares e milhares de léguas! Eu era, a bem dizer, uma criança: tinha dinheiro, e sobrava-me o tempo para me divertir. Podia ter ficado três ou quatro dias em Argel a divertir-me. Pois nessa mesma tarde tomei o comboio para Berrouaghia.

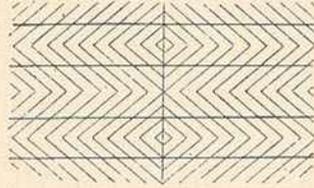
(Continua)



# Passatempo

## ILUSÃO OPTICA

Parece que as duas horizontais do meio se afastam uma da outra no centro; e que as dos extremos e as suas vizinhas se apro-



ximam. Pois não sucede assim. São todas quatro rigorosamente equidistantes e paralelas.

■ ■

— Foi boa a conferência do tal académico?

— Esplêndida!

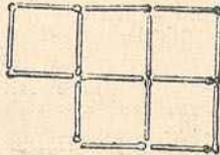
— Sôbre que assunto versava?

— Olhe, êle não o disse, e ninguém tinha bastante confiança com êle para lho perguntar.

■ ■

## OS CINCO QUADRADOS

(Paciência)



Disponham-se sôbre a mesa quinze fósforos, collocando-os de maneira a formarem cinco quadrados iguais, conforme a figura representa, e pede-se que, tirando apenas três fósforos, fiquem só três quadrados, dos cinco que primitivamente estavam.

## UM RETRATO DE ESPANHOLA

(Solução)



■ ■

Entra a senhora na cosinha e encontra a cosinheira de conversa com um soldado.

— Engrácia, eu tinha-a prohibido de receber visitas na cosinha durante a minha ausência.

— Oh, minha senhora! Durante a ausência da senhora, recebi-o na sala.

■ ■

Matilde: — Deram-me êste talhersinho de prata quando eu fiz um ano.

Lucinda: — Ah! Deixa ver, minha querida. Apreço extraordinariamente a prata antiga.

■ ■

Pedro: — Achas que êste remédio me fará bem?

Luls: — Acho, se seguires as recomendações indicadas no frasco: «Conservá-lo sempre bem rolhado».



— A fumar, com essa idade! Quem me dera ser teu pai!

— Lá por isso não haja dúvida, senhor, que a minha mãe é viúva!

■ ■

## INDISCUTIVEL

— Eu lhe digo — dizia Barnabé — os velhos amigos são os melhores, e ainda o que é mais, posso provar-lho.

— Como é capaz de provar isso?

— Onde se encontra um amigo novo que se conservasse firme ao nosso lado tanto tempo como um amigo antigo?

■ ■

— Se conseguires que a tua avó não adormeça durante o sermão dou-te dois tostões — disse o cura a um rapazito da aldeia.

A avó escuta atentamente a sagrada prática dos dois domingos seguintes; ao terceiro, porém, dorme a sono solto. Terminada a missa, o cura chama o neto.

— Hoje não te dou os dois tostões porque deixaste dormir a tua avó.

— É que ela dá-me três para eu a não acordar.

■ ■

## AUDITÓRIO SINGULAR

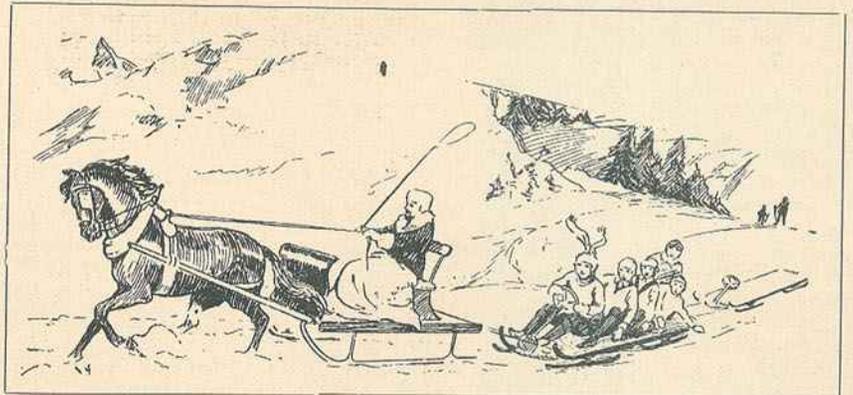
O actor principal: — É verdade, meu caro, affianço-lhe que numa das cidades em que representámos, foram precisos vinte minutos para saír o público todo.

O rival: — Porquê? Estava a dormir, o público?

■ ■

O banqueiro milionário: — Ora, na verdade, podia ter-se poupado a uma diligência inútil. Nunca será meu genro.

O visitante: — Permita-me ao menos que saia de sua casa pela portinha do jardim porque dois dos meus crédores estão-me esperando diante da porta principal.



O segundo toboggan vem vazio; mas os seus cinco tripulantes não se perderam, vêem-se bem no meio da neve.

# BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

JAMES-OLIVER CURWOOD

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITTERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS



Em bem poucos escritores se verifica tão completa simbiose duma vida com uma obra como em J.-O. Curwood, grande romancista norte-americano que em Agosto último desapareceu da face da terra, com 49 anos apenas, e deixando por precioso legado uma vintena de livros de aventuras, que hoje todo o mundo lê e aprecia extraordinariamente. E que Curwood não se limitou, como tantos homens de letras, a dar largas à imaginação no sossêgo do seu gabinete, descrevendo de côr as paisagens e os homens, servindo-se da sciência compendiada.

Curwood, pelo contrário, viveu, passo a passo, o enredo das suas obras, andou de companhia com os seus heróis, copiou do natural as linhas e os tons dos scenários pintados nos seus romances. Oriundo, pelo lado materno, da raça pele-vermelha e em idade juvenil lançado na vida áspera e semeada de imprevisto, fez-se um dia caçador, ganhando assim seu pão e também a sua matrícula na Universidade que veio a cursar. Ingressou depois no jornalismo, mas o romance tentou-o e, sobretudo, a vida livre e aventureira das regiões selvagens da sua pátria. Foi então para o extremo norte do Canadá, onde largo tempo expandiu o seu veemente amor pela natureza, estudando-lhe os segredos, entusiasmando-se por todas as suas belezas, assentando a sua cabana no meio das enormes solidões geladas. E o que all viu quanto aos seus habitantes humanos e também quanto aos irracionais, domésticos ou bravios, constituiu a matéria-prima dos seus suggestivos livros, que tanto oferecem de novo e salutar. Na descrição dos hábitos dos animais Curwood é tão preciso como um zoológico e no que respeita à arte de romantizar suas existências não fica atrás de R. Kipling. Cães, lobos, castores, linces, raposas, lódas estas figuras compõem as suas fábulas, entreceladas, por igual, de observação exacta e ousada fantasia. Seus quadros, em virtude do ambiente descrito, são por vezes muito rudes, mas a verdade é que retemperam o nosso espirito de europeus, tornando frouxo pelos requintes da civilização.

- AGRAIVES (J. D') — *Le Dernier Faune*. 10 fr.  
 ARBOS (ANGE) — *La Juive d'Oran*. 9 fr.  
 AMIC (H.) — *L'Amant marié*. 10 fr.  
 ANNIEL (PIERRE D') — *Qui sème l'amour...* 10 fr.  
 ANDERSON (SHERWOOD) — *Winesburg-en-Ohio*. Trad. do inglês por Marguerite Gay. 12 fr.  
 BACHELIN (HENRI) — *Le Tanureau et les Bœufs*. 12 fr.  
 BARRIERE (MARCEL) — *Le Roman d'un royaliste*. 12 fr.  
 BARBARIN (GEORGES) — *Le Livre de l'eau*. 12 fr.  
 BILLOTEY (PIERRE) — *Le miroir aux alouettes*. 12 fr.  
 BERGER (MARCEL) — *Quarante de fièvre*. 12 fr.  
 BERNARD (TRISTAN) — *Les Moyens du bord*. 12 fr.  
 BETTAUER (HUGO) — *La Rue sans joie*. Trad. do alemão por Jean Chuzeville. 12 fr.  
 BLASCO-IBÁÑEZ (V.) — *Le Pape de la mer*. 12 fr.  
 BONNEFONT (EDOUARD DE) — *L'Indécente*. 12 fr.  
 BESLIERE (JEAN) — *Franzili*. 12 fr.  
 BOUDRY (ROBERT) — *Le Cochon d'Inde*. 12 fr.  
 BORDEAUX (H.) — *Rap et Vaga*. 16 fr.  
 BORDEAUX (H.) — *Le Barrage*. 12 fr.  
 BRULE (ANDRÉ) — *La Belle de banlieue*. 24 fr.  
 BOVE (EMMANUEL) — *Le Crime d'une nuit*. 25 fr.  
 BALKIS — *Guérir*. 12 fr.  
 BARRE (ANDRÉ) — *Don Juan s'amuse*. 12 fr.  
 BARBUSSE (HENRI) — *Les Judas de Jésus*. 12 fr.  
 CARCO (FRANCIS) — *Nuits de Paris*. 18 fr.  
 CARCO (FRANCIS) — *Les Innocents*. 12 fr.  
 CHANTEPLEURE (GUY) — *Le Magicien*. 9 fr.  
 CARRETERO (J. M.) — *La Dame de minuit*. 9 fr.  
 CHARMY (ROLAND) — *Vertu de province*. 9 fr.  
 CASANOVA — *Les plus belles nuits d'amour de Casanova*. 10 fr.  
 CHAMPSAUR (PÉLICIEN) — *Les ordures mé nagères*. 12 fr.  
 CONRAD JOSEPH — *Gaspar Ruiz (A set of six)*. Trad. do inglês por Philippe Neel. 15 fr.  
 CRITEUIL (JEAN DE) — *Le Roman d'un prêtre, le mariage et le sacerdoce*. 10 fr.  
 DAVIGNON (HENRI) — *Le vieux bon Dieu*. 12 fr.  
 DARTOIS (YVES) — *Le Démon des bateaux sans vie*. 10 fr.  
 DURTAIN (LUC) — *Quarantème étage*. 12 fr.  
 DAUBRIVE (MARC) — *La cité luxurieuse*. 9 fr.  
 DROZ (GUSTAVE) — *Babolain*. 12 fr.  
 DAVY (CHARLOTTE) — *Une femme*. 12 fr.  
 DEUTSCH (LÉON) — *L'Épicurien des Places*. 12 fr.  
 DOLLEY (GEORGES) — *Phénomènes*. 10 fr.  
 DU PERRIER (JEAN) — *L'Appel sur la lande*. 10 fr.  
 DORSENNE (JEAN) — *Un fils de cannibales*. 10 fr.

- ERLANDE (ALBERT) — *La Vipère dorée*. 10 fr.  
 FABRE (FERDINAND) — *L'Abbé Tigrane*. 7 fr.  
 FINOT (LOUIS-JEAN) — *La Chaste infidèle*. 12 fr.  
 FEDINE (CONSTANTIN) — *Transvaal*, seguida de *Les Mujiks*. 40 fr.  
 FLAMENT (ALBERT) — *Fureur d'aimer*. 12 fr.  
 FABRI (MARCELLO) — *Le visage du vice*. 12 fr.  
 FLORENTIN (PAUL) — *La maternelle amante*. 12 fr.  
 GARMÍ (GEORGE) — *Tartarin est dans nos murs*. 12 fr.  
 GOLL (IVAN) — *Le microbe de l'or*. 12 fr.  
 GAIN (RAOUL) — *Le Donneur de jeunesse*. 12 fr.  
 GARNIER (HUGUETTE) — *La Braconnière*. 12 fr.  
 GENIAUX (CHARLES) — *La Résurrection d'Aphrodite*. 12 fr.  
 GORINEAU (COMTE DE) — *Nicolas Belavoit*. 24 fr.  
 GRANVILLIERS (JEAN DE) — *Quand les cœurs battent trop vite...* 10 fr.  
 GYP — *Madame Guérande*. 12 fr.  
 GARNETT (DAVID) — *L'Homme au Zoo*. 10 fr.  
 GIRAUDOUX (JEAN) — *Provinciales*. 40 fr.  
 GOEMAERE (PIERRE) — *Le Pèlerin du soleil*. 12 fr.  
 HERMANT (ABEL) — *Le char de l'Étal*. 12 fr.  
 HERTZ (HENRI) — *Le Jeu du Paradis*. 12 fr.  
 JEAN-RENAUD — *Le bout de rail*. 12 fr.  
 KERLECO (JEAN DE) — *La Planera*. 9 fr.  
 KESSEL (JOSEPH) — *Princes en guenilles*. 12 fr.  
 KESSEL (JACQUES) — *Terre d'Amour*. 12 fr.  
 KEYSER (EDOUARD) — *Laure ou La Femme compléte*. 10 fr.  
 KIPLING (R.) — *Monseigneur l'Éléphant*. 7 fr.  
 KRASSNOFF (GENERAL) — *L'Amazone du désert*. 12 fr.  
 LABRUYERE (RAYMOND) — *Janine*. 12 fr.  
 LAISANT (ALBERT) — *Magojana, le maître du secret*. 10 fr.  
 LE BORG (ALPHONSE) — *Les lois cruelles*. 12 fr.  
 LANDRE (JEANNE) — *Echolate et ses amants*. 12 fr.  
 LEBLANC (MAURICE) — *La Demoiselle aux yeux verts. (Aventures extraordinaires d'Ar-sène Lupin)*. 12 fr.  
 LE ROY (FLORIAN) — *Bonne sœur des chemins*. 12 fr.  
 LERMINA-FIANDRE (JULIETTE) — *Une Petite Fille*. 12 fr.  
 LICHTENBERGER (ANDRÉ) — *Des enfants dans un jardin*. 12 fr.  
 LONDON (JACK) — *L'Aventureuse*. 12 fr.  
 LUCAS (WILFRID) — *La route de lumière*. 12 fr.  
 MAC ORLAN (PIERRE) — *Le Quai des Brumes*. 12 fr.  
 MANN (THOMAS) — *Tristan*. 20 fr.  
 MARTEL (TANCÈDE) — *La Déesse vaincue*. 12 fr.  
 MAY (SIMONE) — *La Brebis noire*. 12 fr.  
 MARYAN (M.) — *Lady Frida*. 6 fr.  
 MARYAN (M.) — *La Statue voilée*. 8 fr. 50.  
 MAZEL (HENRI) — *Le Choix d'un amant*. 1780. 12 fr.  
 MARGUERITE (VICTOR) — *Ton corps est à toi*. 12 fr.  
 MONTHERLIANT (P. DE) — *Aux Fontaines du désir*. 12 fr.  
 MONZIE (A. DE) — *Destins hors série*. 12 fr.  
 MARTIN-CHAUFFIER (LOUIS) — *L'Amant des honnêtes femmes*. 12 fr.  
 PUCCINI (MARTO) — *Quatre-vingt-dix ans*. 30 fr.  
 PELADAN (J.) — *Histoire et légende de Marion de Lorme*. 12 fr.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS ... ..	22\$00	43\$00	54\$30	ESPAÑA ... ..	47\$00	92\$00
Registados..	24\$40	47\$80	93\$60	Registados .. ..	51\$80	101\$60
AFRICA OCCIDENTAL E ORIENTAL... ..		49\$00	96\$00	BRASIL... ..	52\$00	102\$00
Registados..		53\$80	105\$60	Registados .. ..	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR ... ..		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO... ..	63\$00	124\$00
Registados..		57\$80	113\$60	Registados .. ..	72\$60	143\$00

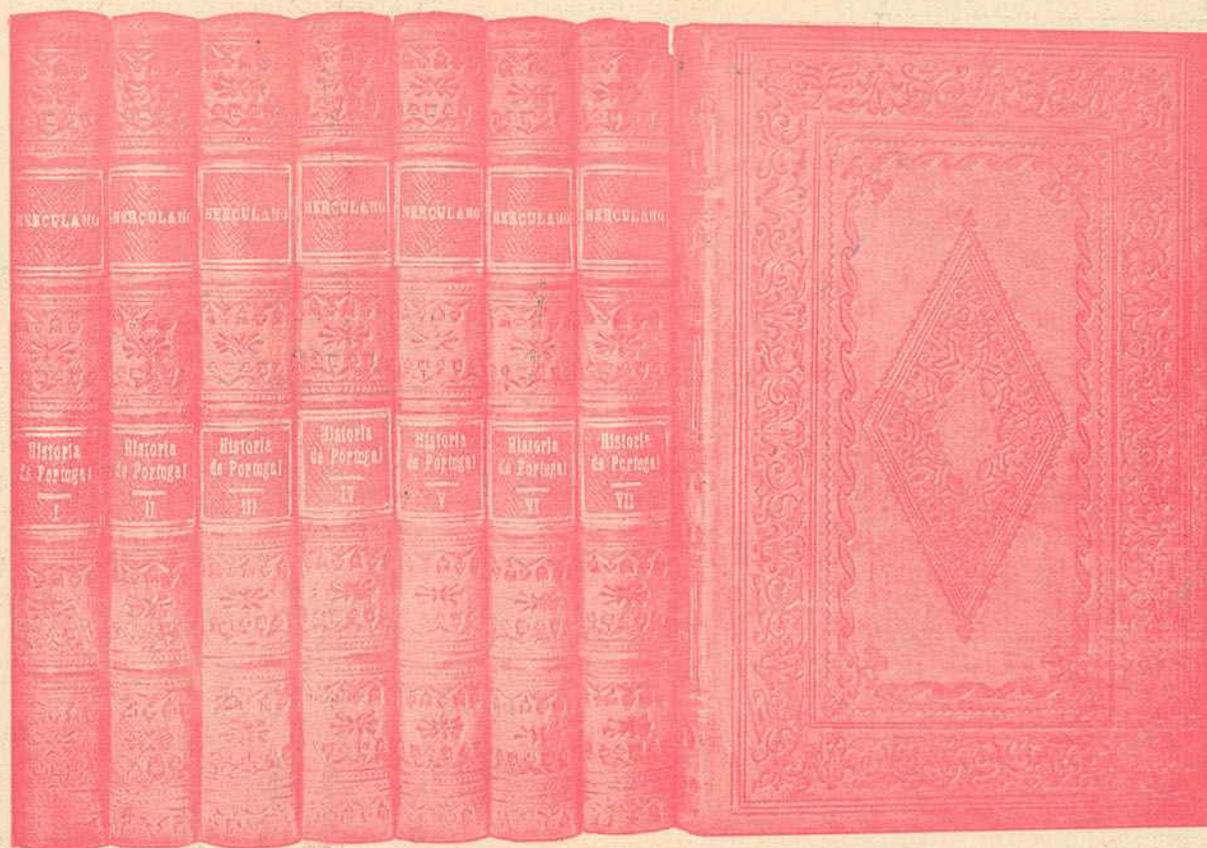
NÚMERO AVULSO 4200

# HISTORIA DE PORTUGAL

POR

# ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

## SAÍU EM NOVEMBRO O VOLUME VI

**POR ASSINATURA:** o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

**CONTINENTE E ILHAS**—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura . . . . . Esc. 10\$00  
Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . . . . . Esc. 14\$00  
Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado . . . . . Esc. 25\$00

**BRAZIL**—incluindo despesas do correio:  
Brochado . . . . . Esc. 12\$40  
Encadernado em percalina . . . . . Esc. 16\$40  
» » carneira. . . . . Esc. 27\$40

**COLÓNIAS PORTUGUESAS**—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

# VOGUA



Emmerico

SEMANARIO ILUSTRADO  
DA MULHER PORTUGUEZA  
EDICAO DA CASA AILLAUD & BERTRAND

CADA NUMERO (AVULSO) ESC. 1\$50